

S. ANTONIUS



2.º ANNO — 1896

JULHO

1875

Si quæris
miracula,
Mors error
calamitas
Dæmon,
lepra fugiunt,
Ægri
surgunt sani.

(S. Bonav.)

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

ORGÃO DA PIA UNIÃO E DO PÃO DE S. ANTONIO E BOLETIM
DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO

Approvada e abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, por S. Em.^a o Cardeal Patriarcha de Lisboa,
Ex.^{mo} Nuncio de S. S.,
Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Arcebispo Primaz e Rev.^{mo} Padre Geral dos Franciscanos.



Typ. a vapor de Arthur José de Souza & Irmão

74, LARGO DE S. DOMINGOS, 76

PORTO — 1896

O REINADO DAS TREVAS

Guerra a Deus e à Igreja. — Matam também o corpo. — Roubam-nos até a pelle. — Arvorados em professores. — Os maçons odeiam Joanna d'Arc. — Hypocritas refinados. — Profanação das hostias.

Guerra a Deus e à Igreja! — É este o grito selvagem que a maçonaria solta aos ventos de todos os países. — Guerra a Deus e à Igreja, guerra a todo transe, guerra sob todas as formas. Não escrupulisa meios porque é axioma de sua moral que o fim justifica os meios; princípio este que por ella tem sido milhares de vezes attribuido cadum-nosamente a quem nunca o affirmou, mas que, sempre tinhrou de ensinar a maxima opposta que é a doutrina da Igreja, refiro-me aos jesuitas. Em que pese aos maçonisantes portuguezes que por ahí fervilham por esse paiz além a historia da maçonaria regista factos de extrema baixeza e villania. Nunca as mãos-lhes doam a esses valentes cam-pões que não cessam de lhes pôr a calva bem em relevo para que os simples não hajam desculpa dizendo: «*não a conheci.*»

Ninguém desconhece a guerra acinosa que em França a maçonaria faz à Igreja *localisando* as escolas catholicas, a que vale dizer tornando as atheas e irreligiosas. Municipalidades inteiras tem protestado e seus protestos perdem-se esquecidos entre os vellos e inúteis papéis dos secretarios ministeriaes, sem que se lhes dê uma resposta, sem que se lhes preste attenção.

Paes de familia recusam enviar seus filhos a escolas semelhantes porque sabem que lhes pervertem o coração. E a educação litteraria da mocidade em vez de progredir e avançar estaciona e não caminha. Escolas ha derramadas pelos departamentos da republica, que quando eram dirigidas por membros de congregações religiosas prosperavam e florescia e hoje fazem quasi abandonadas com minguido numero de discípulos se é que de todo lhes não fadecem.

Escolas e collegios do igual faz também nós, por castigo de nossos peccados, já as temos em Portugal; Lisboa e Porto, segundo dizem por ahí as *mais* linguas, parece que as abrigam.

Em França funestos resultados se hão colhido da moral materialista das escolas leigas. Deixando à parte a nuera de solida instrução que é o apanagio dos espiritos que lá entram a formarem-se, vemos que a criminalidade cresce: olhos vists. Os suicidios, os assassinatos, os roubos, a immoralidade avultavam mais e mais e dão-nos uma triste ideia da doutrina ensinada por essas escolas fundadas pela maçonaria para perverter os costumes, destruir a ideia de Deus e supplantar a Igreja.

Não vae longe ainda a amostra que nos deu um rapaz de 17 annos, n'um tribunal francez, quando foi interrogado pelo juiz sobre o mobil do crime: era elle accusado de ter ferido mortalmente uma pobre velha. — A resposta é cheia de cynismo e de tanta malvadez que faz estremecer.

Perguntando-lhe o juiz qual a causa que o moveu ao crime, respondeu-lhe com todo o sangue frio, que não sabia.

O juiz? Como, não sabes?...!

O *reu*: Não sei, não senhor!... Que estava cá a fazer essa velha decrepita e que importa uma de mais ou de menos?...!

Eu cá trabalho, não importa por que prego.

De data mais recente ainda é a resposta dada pelos assassinos da Senhora de Valley, rapazes de 20 annos.

Admirava os muito os frequentes interrogatorios que lhes faziam, e um d'elles diz:

«Não lhe fizemos grande agravo, acabando com esta velha. Não tinha ella senão alguns mezes de vida.»

Estes criminosos, excepto um que nem ler sabia, tinham aprendido em escolas leigas.

Rasão tinha pois a sr.^a Saint-Appert que no tribunal defendeu o *reu* de que acima fallamos, quando disse:

«¹ Vejo n'aquelle muro diante de mim, e d'aquí saudo

Jesus Christo em sua cruz. Está aqui em nosso tribunal para onde citaes o criminoso. E porque não está na escola onde mandaes instruir as creanças? Porque castigaes sob as vistas de Deus quando formaes almas fóra das vistas d'Elle? Se aquelle infeliz o tivesse encontrado diante dos bancos da sua escola, teria isso evitado estar hoje sentado n'um banco de infamia (*apontando para o *reo**).

«Quem lhe disse jámais que havia um Deus, uma justiça futura? Quem lhe fallou de sua alma, do respeito devido ao seu proximo, do amor a seus irmãos? Quando lhe ensinaram o preceito de Deus não matarás?»

E ao terminar exclamou:

«Sim a vós é que eu accuso, senhores, a vós civilisados, que sois barbaros; a vós moralistas que conduzi ao atheismo e a pornografia com grande orchestra, a vós adinheas depois que se vos responde com o crime e com a decadencia. Condennae o meu cliente *estes* não vosso *di-reito*; mas eu accuso vós é este o meu dever.»

Esta lição dada por uma senhora, constituida a lvo-gada n'um tribunal francez, era bem que fosse pensada e meditada de vagar pela gente de cá; que em tudo vo o pe-rigo do jesuita, para em tudo fazer guerra a Deus e a sua Igreja, inoculando no coração da infancia e da juventude os germens do crime que tarde ou cedo fructificarão.

Matam também o corpo. — Os maçons não se limitam a envenenar e assassinar a alma, matam também o corpo, tirando-nos a vida ou com a ponta d'um estilete, ou com a bala d'um revolver, ou por outro meio, porque meios não faltam a quem falta o temor de Deus.

Dá-nos conta o *Correio Nacional* em seu numero 994 d'este anno, d'um assassinato maçónico praticado em Italia.

Diz nos elle: «Foi assassinado ha poucos mezes em Gê-nova o conde Luigi Ferrari, amigo dedicado de Diana Van-ghan, á qual transmittiu esclarecimentos colhidos acerca de Crispi. Ferrari era maçã, membro de uma loja de Lúmini e fazia parte do supremo conselho. Homem honesto, detestava Crispi e Lemmi por causa da sua impopularidade; e approvava a guerra feita por Diana Vaughan a este.

«Ora Ferrari foi assassinado poucas horas antes de par-tir para Roma, aonde ia levar documentos destinados a Diana Vaughan. Um grupo de operarios socialistas foi incitado por um agente de Lemmi a commetter o crime. A policia prendeu o assassino um sapateiro chamado Salvatore Gatto e 9 operarios socialistas, mas não procurou aquelle que lhes dera previamente de beber. A carteira de Ferrari desapareceu não se encontrando nas mãos de nenhum dos presos. O crime foi commettido na occasião da ruptura de Diana com a maçonaria. Diz-se que os accusados serão julgados em Forlì em outubro. A imprensa maçónica de Italia orga-nizou a conspiração do silencio acerca do facto apesar de Ferrari pertencer ao conselho da Ordem.

«Mais um assassinato maçónico!»

E' pois mais uma pagina de sangue escripta no livro immensamente nefando da maçonaria que se sustenta de cri-mes, de lagrimas alheias e de mil villanias e profanidades.

Porque será que a imprensa maçónica tão miudosa em narrar factos ainda de mui somenos importancia, calla e fluge ignorar estes que ferem tão vivamente a curiosidade do povo?...

— Muito desejava que nol-o explicasse alguma folha conhecedora do segredo, para nos livrar assim dos juizes temerarios que de continuo nos assaltam a mente.

— A *Luz dos eclipses* sabe-o-ha?

— E' provavel, é certo que sim: mas é tambem prova-vel que nada nós diga.

— Mas não importa, porque muito já se tem dito e mais ainda se dirá que nos ha de confirmar n'esses nossos juizes tão certos e tão seguros como as provas em que se firma.

Roubam-nos até a pelle. — Um alto personagem da maçonaria — e lá vai o nome para que nos não acol-mem de mentirosos e calumniadores, M. Batin é assim cha-mado, — foi accusado de usurario e como tal condemnado pelo tribunal de Riour.

Alguem sabendo do facto disse que o irmãozinho Batin ama tanto o pobre povo que até o devora vivo.

VOZ DE S. ANTONIO

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, por S. Em.^a o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Ex.^{mo} Nuncio de S. S.
Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Arcebispo Primaz, Arcebispo d'Evora e Rev.^{mo} Padre Geral dos Franciscanos

SUMMARIO

- S. Antonio e a Maçonaria.
I Parte — SECÇÃO DOCTRINAL: Exposição da Regra da Veneravel Ordem Terceira. — Pensamentos.
II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Vida de S. Lucio, primeiro filho da Ordem Terceira da Penitencia. — Anecdotes.
III Parte — LEITURAS RECREATIVAS: João e Maria.
IV Parte — Culto de S. Antonio. — Petições. — Graças de S. Antonio. — Chronica da Pia União e do Pão dos Pobres. — Echo das Missões. — Illustrações do presente numero.
V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: A Politica dabaixo do ponto de vista social. — Uma flor n'um mosteiro (poesia). — Bibliographia.
VI Parte — CHRONICA UNIVERSAL. — VARIA.
ILLUSTRAÇÕES: S. Antonio na igreja dos Terceiros de Braga. — S. Boaventura, Dr. da Igreja.

Fedacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

S. Antonio e a Maçonaria

E' HORRENDO o monstro cuja baba immunda infesta toda a terra. E' antigo como Lucifer, é mau como elle. Não tem descanso nem de noite, nem de dia na tarefa maldita de acarretar sobre o genero humano toda a sorte de desgraças.

O seu odio a Deus e aos homens é sempre crescente, como a onda alcantilada do oceano entumecida pela violencia da tempestade, que só se despedaça contra os immoveis rochedos da praia para com os seus fragmentos ir engrossar a onda que vinha após ella, possuida do mesmo furor insano.

E tem levado seculos n'este labutar raivoso, sempre vencido. Odio velho não cansa.

E é velho este odio. Durante quatro mil annos exerceu as mais duras servicias sobre os povos da terra. Ao desfaldar-se o labaro do christianismo, sob cuja sombra protestara poderem ir acolher-se todas as nações do mundo, mudou de tatica nos seus planos de ataque. Até alli encarnara-se na idolatria, revestia-se do fetichismo, tomava formas e ritos adequados ao fim perverso que se propunha de illudir com o erro, de impedir a luz da verdade, de trucidar horrorosamente os corpos debaixo das carretas dos idolos monstruosos, ou de os lançar vivos na pyra balsamisada, com o intuito de aplacar as suppostas iras d'um nome sanguinario.

Mas como o raiar da luz vivificantissima do christianismo ia esclarecendo os povos, e civilisando-os, aquellas scenas de horror não podiam continuar.

Então revestiu a forma religiosa e scientifica, e a guerra travou-se no campo moral.

Os gonosticos primeiro, depois os albigenes não foram senão os continuadores da mesma luta encarnicada, luta em que o Deus bom era chamado o terrivel o malefico Adonai, aquelle que semeava os males sobre a terra, que encerrava as almas em corpos tenebrosos, que as atormentava com penas horriveis. Enquanto que Lucifer, para elles o verdadeiro Deus, era cheio de bondade e amor. Creara-nos para a felicidade que elle nos reserva n'um paraíso de fogo. A mentira mais descarada de posse do campo da verdade plena.

Porisso, a victoria não podia deixar de pertencer sempre á parte mais numerosa e antiga que contava a sua historia pelos annos da mesma verdade, e é sabido que do lado d'esta é que vem sempre o triumpho, cedo ou tarde.

Porém a verdade, comquanto ella por si não careça de defensores, comtudo, quando é atacada por forças vivas contrarias, é mister que outras forças vivas se ponham ao seu lado, para a defender com as armas que ella lhe subministra n'um combate leal e franco.

Estas forças são então communicadas pelo Espirito da Verdade a valorosos guerreiros, escolhidos entre os mais ousados do exercito do Senhor.

Como o leão invencivel dos bosques põe em debandada todos os inimigos com um só de seus temiveis bramidos, assim estes valentes atletas apenas apparecem na liça e esgrimem em desafio as armas, vêem desaparecer como nevoa desfeita pelo vento os que até alli blasonavam de indomaveis da causa que defendiam, muito embora a reconheceressem injusta e falsa.

Retiram-se da arena; escondem-se em reductos impenetraveis aos raios do sol e aos olhares humanos, para nas trevas combinarem novos planos de ataque.

Mas apenas estes vêm á superficie, eis que de novo surgem os mesmos ou mais aguerridos combatentes, e a victoria repete-se.

A maçonaria é a ultima metamorphose da antiga serpente da arvore do paraiso. Tem enleado a humanidade em embustes viperinos atravez dos seculos.

A cabeça sempre esmagada renasce com outra fôrma. Mas o martello que a esmagou no XIII seculo, não é ferramenta envelhecida e posta fóra de combate.

S. Antonio foi chamado o malho dos herejes pelo Papa Gregorio IX. A mais perfida das heresias é a Maçonaria, porque ella encerra-as todas, auxilia a todas. E como este camartello está forte ainda, o meio mais infallivel para esmagar mais uma vez a cabeça activa d'esta seita vomitada das profundezas do inferno, é oppor-lhe o thaumaturgo S. Antonio. A devoção para com elle, invocada sob este titulo, será coroada de brilhante resultado.

E não o estamos nós vendo já?

Comparemos as datas: a devoção a S. Antonio, o Santo de todos os tempos, reviveu *sensivelmente* ha quatro annos a esta parte. Mas não é justamente desde este tempo tambem que a maçonaria tem levado golpes profundissimos e mortaes?

Miss Diana Vaughan feriu-a mortalmente. Adrianno Lemmi foi desthronado. Crispi tambem. Margiotti renovou a ferida de Vaughan. Salvatore Zola é a ultima bofetada vibrada em cheio na cara da seita. E a lista progride, e a devoção a S. Antonio augmenta. Elle restabeleceu as procissões, elle arranca os pobres ás mãos dos especuladores judeus, congenereos e irmãos gemeos dos maçons.

E' de esperar que a victoria completa sobre a maçonaria virá a realisar-se no dia em que S. Antonio fôr o santo por excellencia das multidões extraviadas.



Secção doutrinal

A Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco d'Assis

CAPITULO II

Da Disciplina

(Continuação)

§ IX

Os Irmãos Terceiros mantenham entre si e com os de fóra relações de caridade e benevolencia; e, sempre que pössam, esforcem-se por extinguir as discórdias.

NÃO ha quem não tenha o seu lado fraco, e as almas pias tambem teem o seu. Aquelle amor desordenado de si mesmo que arruinou nossos primeiros paes consegue tambem illudir frequentes vezes as pessoas dadas á piedade.

Aquellas invejasinhas, aquelles ciumes, aquella falta de soffrimento de parte a parte, a ponto de se olharem com certa arrogancia ou desconfiança, de se não saudarem com franqueza e amabilidade, de se criticarem mutuamente, e muitas vezes até com calumnia, são cousas que certamente pouco podem agradar a Deus.

E não se comprehende facilmente como as pessoas habituadas a estes defeitos vivem tranquilladas e se approximam sem escrúpulos da meza eucharistica.

A caridade é a virtude por excellencia do christianismo, é a sua caracteristica. E se Jesus Christo nos deu como primeiro mandamento o amor de Deus, accrescentou logo que o segundo, o amor do proximo, é semelhante ao primeiro. Como se dissesse que assim como não se pode amar o proximo sem começar por Deus, assim não se pode amar a Deus se tambem não se amar o proximo. Bem sabemos que este preceito se torna pesado á nossa natureza corrompida, mas a advertencia de S. Paulo deve bastar para nos obrigar a fazer alguns esforços afim de o observarmos com exactidão.

Se fizéssemos milagres, diz elle, se fallássemos todas as linguas desconhecidas, se fôssemos adornados dos mais bellos dotes, mas se nos faltasse a caridade, de nada nos serviria todo o demais.

Os Commissarios e Directores procurem recordar com frequencia este preceito aos Terceiros confiados á sua vigilancia, e communicar-lhes aquella caridade em que ardia o seraphico Patriarcha cuja chama era tão viva que o abrasava interiormente a ponto de merecer o titulo de Seraphim. Pela caridade teria sacrificado tudo, e bastantes vezes foi lançar-se aos pés d'aquelles que julgava ter offendido com a mais leve falta, ou inconscientemente.

Percorria os povos d'Italia, qual mensageiro da paz afim de estabelecer a concordia entre elles, ainda com risco de soffrer os insultos dos desordeiros ou perigar a propria vida. Se os massacres fraticidas diminuíram na Italia no seculo XIII é a elle que se deve esta grande obra social.

Não se exige tanto dos Terceiros, mas entre os seus amigos e familiares pelo menos, podem imitar o Seraphico Patriarcha, este príncipe da paz, e recolher abundantissimos fructos.

§ X

Nunca façam juramento senão em caso de manifesta necessidade.

Evitem todos o fallar chulo, immodesto e irreverente. Todas as noites examinem a sua consciencia afim de ver se commetteram alguma falta; e tendo-a commettido arrependam-se e emendem o seu erro.

A primeira do presente artigo é bem clara, para necessitar ultteriores illucidações.

Nada corrompe tanto os bons costumes, diz S. Pedro, como as más palavras. Quantos corações não estavam completamente innocentes, ignorando toda a malicia humana... até que chegou o inimigo, rasgou o veu, um raio de luz sinistra penetrou n'aquelle sacrario inviolavel, fez desaparecer o poder e com elle a innocencia.

Para causar tanto damno não é preciso molhar a lingua no lodo, nem chafurdar na immundicie, basta uma palavra menos casta, uma reticencia inopportuna.

A palavra deshonesta, diz S. Francisco de Sales, cahindo n'um coração fraco, expande-se como uma gotta de orvalho sobre o panno.

E no caso da palavra menos casta ir ferir o coração d'uma creança, o damno seria ainda maior. Não importa que saia envolvida no mysterio; a palavra enigmatica é um peso enorme que o menino não pode supportar, e não socega enquanto o não tiver descarregado penetrando o sentido da palavra que não comprehendera. Interroga, indaga, quer saber tudo, até que encontra um desgraçado que lhe descobre o mysterio. Certas cousas, diz o Apostolo, nem nomear se devem...

O exame de consciencia é um meio efficacissimo para adeantar na virtude, como attestam S. Basilio, S. Agostinho, S. Bernardo, S. Boaventura, etc.

S. João Chrysostomo comprova-o com duas razões convencedoras: a primeira é que examinando nós todas as noites os defeitos commettidos durante o dia e promettendo a N. S. a emenda, no dia seguinte seremos mais cautelosos em não repetir as faltas de que nos arrependemos e pedimos perdão. A segunda é que no decurso do dia a lembrança de que á noite nos devemos examinar dos nossos defeitos, é um freio para os não commetter com tanta facilidade.

Se todos os confessores e directores fossem solícitos em recommendar e exigir das almas que diligem a pratica d'este santo exercicio, certamente não aconteceria o que frequentemente se vê; recaírem nas mesmas faltas de que sempre se accusam. A quem não acreditasse na efficacia d'esta pratica poderia convencer-se facilmente com a experiencia.

A consideração frequente das nossas faltas, o passar deante dos olhos as nossas misérias proprias, o ver-nos pequeninos deante de Deus e reos do seu tribunal, o dever censurar-nos a nós mesmo e de continuo as mesmas culpas é um estimulo poderoso da consciencia, e um freio resistente contra todas as quedas. A satisfação do trabalho é sempre desejada, ainda mesmo no trabalho espirital, e esta satisfação é a emenda que o exame deve accusar.

Quando se não obtivesse outro resultado evitar-se-iam pelo menos as faltas frequentes e voluntarias, o que já é muito. N'esta pratica, porém, é mister a constancia e ter sempre de mira aquelles defeitos que são mais repetidos e que mais nos affastam da perfeição christã. Assim, é para esperar que o exame de consciencia produza os mesmos fructos que a meditação ou talvez maiores ainda, ou, pelo menos, servir de meditação. Porque, na verdade, o que faz boa a meditação não é a consideração das verdades eternas, mas a emenda da vida. E havendo muitos que não sabem considerar n'aquellas verdades não ha ninguem que não saiba ou que não possa recordar-se dos defeitos que commettem durante o dia, e dos mesmos pedir perdão a Deus, promettendo emendar-se.

§ XI

Aquelles que poderem assistam todos os dias ao Santo Sacrificio da Missa. A convite do Ministro compareçam na reunião mensal.

O sacrificio da Missa é o centro da Religião christã, o coração da devoção, o espirito da piedade, o mysterio ineffavel que comprehende o abysmo da caridade divina, mediante o qual, Deus unindo-se a nós, communica suavemente as suas graças e favores. A oração junta a este divino sacrificio tem uma força invencivel, que inunda a alma de dons celestes, como quem descansava sobre o seu amado, que a faz respirar suave fragrancia e espirituales odores, assimilando-a a uma columna de fogo aromatico e de preciosa mirra, cuja imagem

vem descripta no livro dos cantares.

Instem, pois, os Directores para que os Terceiros assistam todos os dias ao Santo Sacrificio, a não ser que imperiosas circumstancias de familia ou da vida os impeçam de o fazer commodamente.

Os anjos, como diz S. João Chrysostomo, interveem sempre em grande numero, para honrar este Santo Mysterio; e por isso nós, permanecendo alli com elles, devemos participar da sua benefica influencia e tão boa companhia.

Os corações da igreja triumphante unem-se aos da militante n'esta divina acção de Jesus Christo, para conquistar com elle, por elle e n'elle o coração de Deus Padre e atrahir toda a sua divina misericordia.

Que felicidade para uma alma contribuir com



S. Antonio na igreja dos Terceiros de Braga

os seus affectos para um bem tão precioso e invejavel!

Um dia Napoleão foi visitar um collegio onde se educava a flôr da nobreza de França. Quiz ver tudo e examinar tudo. Observou o horario no qual se marcava uma hora por semana para a Missa. O imperador não disse nada; mas tirando um lapis da algibeira, onde o horario dizia: «uma vez por semana» escreveu elle: «todos os dias».

§ XII

Haja algum deposito commum para o qual concorram todos, segundo as suas posses, a fim de soccorrer os irmãos enfermos, e prover ás despesas necessarias do culto.

Estas esmolas que se devem conservar em commum, será bom que se recolham nas reuniões mensaes. Este cargo pertence ao thesoureiro ou syndico, o qual, como adeante se dirá, dará contas ao Superior ou Ministro.

Todos os Terceiros, segundo as suas posses, concorram para esta obra de caridade, a fim de se conformarem como espirito e vontade do Bem-aventurado S. Francisco que era todo amor do proximo.

(Continua).



Santo Protector para o mez de julho

S. Luiz, rei de França, especial patrono da V. Ordem Terceira.

Absolvição geral

25 d'agosto, dia de S. Luiz.

Indulgencias a lucrar

Plenarias

Desde as vespervas do dia 1 até sol posto do dia 2, podem ganhar as indulgencias da Porciuncula.

No dia 12—Santa Clara da II Ordem.

No dia 19—S. Luiz, bispo da I Ordem.

No dia 25—S. Luiz, rei de França da III Ordem.

Parciaes

No dia 25—S. Luiz, sete annos e sete quarentenas.

Virtude a imitar

A humildade nas dignidades e grandezas.

Maxima espiritual de S. Francisco

Bemaventurado o homem que enthesoura no ceu os bens que o Senhor lhe mostrou e com a esperanza do premio não procura manifestal-os aos homens; porque o mesmo Senhor os fará gratos a quem bem Lhe parecer. Bemaventurado o servo que guarda escondidos em seu coração os segredos do Senhor.

* * *

PENSAMENTOS

E' prudencia no amigo fazer do trato familiar escola de bons costumes; quem n'ella se aproveita, se aconselha, se aconselha sem tomar conselho e aprende sem ser discipulo.

*

O sabio quando ouve uma expressão sensata, louva a e applica-a a si mesmo.

*

A phrase commum *viver para comer* encerra uma grande verdade, porque, em ultima analyse, tudo na vida se reduz a esse extremo.

*

Para nos tornar-mos populares, fingimos ser mais pobres de espirito do que na realidade somos.

*

Os bons conselhos são como certas drogas energicas, que fazem bem, mas são difficeis de tomar.

*

No que toca a todos, consulta a muitos; se não acertares, errarás acreditado.



VIDA DE S. LUCIO

Primeiro Filho da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia

CAPITULO VII

A pratica da virtude de Lucio já Terceiro

UMA santa e indizivel alegria tinha-se apossado do coração de Lucio quando poude espelhar-se de novo nos luminosos exemplos do Patriarcha d'Assis, e mais á vontade entreter-se com elle em demorada e devota conversação, que o animava a proseguir com maior ardor na imitação dos seus preclaros exemplos de virtude. Arrecadou no thesouro do seu espirito os bellos ensinamentos que elle lhe dictava, e tanto se sentiu acceso no amor divino, que tudo quanto até alli havia feito de bem lhe parecia pouco ou nada; por isso costumava repetir com o propheta: agora começarei, *ego dix, nunc coepi*. Para logo, todo o seu ardor o levou a pôr em pratica a regra imposta pelo Seraphico Patriarcha Francisco. A qual grau de perfeição ascenderia o Beato Lucio praticando as virtudes christãs e sociaes recommendadas n'esta regra de tanta perfeição do viver christão!?

Quem ha que não veja, escreve Dandalo, que esta instituição foi providencialmente composta para offerecer ás pessoas de ambos os sexos de todas as classes o modo facil de viver christãmente, dispensando-lhes a entrada nos claustros monasticos? Para refrear as paixões politicas dominantes em todos os seculos? Para satisfazer a esta necessidade de associação que sempre se faz sentir, a qual, então como hoje arrasta tantos ao abysmo da heresia?

Francisco Prudeniano escreve tambem ácerca d'esta grande ordem: impõe não se ligar com juramento a homem ou a partido ou a associação alguma; porque um tal juramento produz odio e sêde de vingança, sujeitando as virtudes da alma ao espirito de partido, rebaixando-a ao aviltamento extremo das paixões e da escravidão. Francisco, porém, não condemnava a fidelidade legitima á patria e ás leis, porque o verdadeiro bem da patria e as leis sabias e justas são aquellas que se conformam sempre com o bem e com as leis da patria eterna e da Igreja de Jesus Christo.

O homem na hora em que nasce presta dois juramentos solemnes e irrevogaveis a Deus e á Patria. Se um dia se collocar ao lado de uma bandeira que não trouxer escriptos estes dois nomes, é um perjuro.

A Regra conclue com estas graves e importantissimas recommendações: «os membros da Terceira Ordem não tragam armas offensivas senão para defeza da Igreja Catholica e da Patria.»

A paz e a felicidade da republica italiana, no dizer de Gregorio Magno, depende da paz e da honra da Igreja. Para avaliar a importancia social d'aquelle breve preceito é necessario remontar-se em espirito áquelles tempos, sobretudo á Italia, impastados pelos ghibelinos.

Posta de parte a questão theologica, considerada só pelo lado politico, a facção ghibelina era anti-nacional, trabalhada por tornar a Italia escrava do estrangeiro, chamava para a inundar os bandos de barbaros do norte que tinham devastado Roma, servindo de flagello nas mãos de Deus, e de arma terrivel e implacavel... Venceram os ghibelinos, e tu, Italia infeliz, bem o sabes!

A parte guelfa, pelo contrario, era aquella que desejava o verdadeiro bem da Italia, recusando a intervenção estrangeira, e por isso o seu triumpho importaria o triumpho da nação italiana. Por isso os ghibelinos a guerreavam, e Pedro delie Vigne escrevia com razão ao seu Senhor Frederico segundo, que os Frades Menores tinham ordenado duas companhias, uma de homens outra de mulheres que prejudicavam os interesses da auctoridade imperial. O mesmo Frederico nas perseguições atrazadas por que fez passar as terras guelfas em 1244, tinha em mira maximamente aos Frades Menores, como promotores d'aquelle santa liga a que elle chamava conspiração, já tão poderosa e dilatada que difficilmente se acharia pessoa que a ella não pertencesse.

Todos quantos se alistassem n'esta patriótica milicia deviam abandonar qualquer partido que não fosse o da Igreja Romana, fazendo juramento solemne de não pegar em armas senão para defeza d'ella e da sua terra natal.

A tudo quanto fica dito e se poderia accrescentar a respeito d'esta pobre instituição, juntaremos apenas o juizo do sabio e glorioso Pontifice Leão XIII. E' agradável conhecer as grandes utilidades que deviam dimanar de tão augusta associação, salutar em si mesma e admiravelmente op-

portuna n'aquelle tempo... Os Terceiros na defeza da religião catholica fizeram proezas de piedade e fortaleza, e se pela pratica d'estas virtudes incorreram no odio dos desgraçados, bem recompensados foram no que é mais salutar e honroso conforto, o applauso dos bons e honestos.

Assim Nosso Predecessor Gregorio Nono não se contentando com elogiar publicamente a sua fé e coragem, serviu-lhes de escudo com a propria auctoridade, chamando-lhes com grande honra, milicia de Christo, novos Machabeos. Não era desmerecido este elogio. Um poderoso auxilio para o bem publico era offerecido por estes homens que, com os olhos fitos nas virtudes e leis do seu fundador, se exorçavam por fazer reviver no seio da mais corrupta sociedade os deliciosos fructos da vida christã. Graças ao trabalho e ao exemplo dos Terceiros, depressa se extinguiram as discordias partidarias, foram tiradas as armas da mão aos facciosos, postas de parte as contendidas, soccorridos os indigentes e os abandonados e refreado o luxo, verme roedor da fazenda e dos costumes. A paz domestica e a tranquillidade publica, a integridade e a mansidão, o uso legitimo e a tutela da propriedade, que são os melhores elementos da civilisação e do bem estar, brotam, como de sua natural raiz, da Ordem Terceira. *E se tão grandes bens se não perderam para sempre deve a Europa agradecer-o, em grande parte, a Francisco.* (Encyclica sobre a Ordem Terceira).

Lucio, pelos ensinamentos e luzes que recebera de Francisco, comprehendera de quanta utilidade havia de ser para o futuro a nova instituição; e convencera-se que o habito da penitencia que tinha vestido, e a graça singular que lhe fôra concedida pela bondade divina, de ser elle o primeiro alistado n'aquelle legião santa, lhe impunham novos e graves deveres de praticar a virtude e tender a maior perfeição, e que as obras de caridade e humildade que via praticar a Francisco deviam ser a norma da sua vida futura.

Por isso, com sacrificio heroico de si mesmo, coadjuvado de Bonadonna, proseguiu nos exercicios de piedade dos quaes já fallamos.

Mais acceso em zelo e affecto, alem do bom exemplo que sempre dava de si mesmo, empenhou-se em persuadir a pratica da virtude aquelles com quem convivia e a quantos tinha occasião de fallar, empregando todos os meios para chamar ao caminho da penitencia os peccadores e reconciliar-os com Deus. Com este fim comparecia nas praças e nos ajuntamentos publicos, entrava nas estalagens, nas officinas e nas lojas, onde, conversando amigavelmente de cousas espirituaes com toda a classe de pessoas, exortava a todas a temer o Senhor, a estimar o thesouro da innocencia e da virtude, e a observar plenamente os divinos preceitos. Ah! irmãos meus, dizia elle, a vida foge; quando começaremos a praticar algum bem?

Não percamos tempo, comecemos já a trabalhar pelo paraizo. E com a sua doçura natural, com aquelle encanto que Deus puzera em suas palavras,

corroborado pelos fervorosos exemplos d'uma vida santa pouco a pouco lhes ia fazendo gostar as suavidades do amor de Deus, affastando-os das occasiões perigosas, das sociedades illicitas, das companhias preversas.

Entre todos escolhia de preferencia os jovens para os aconselhar, já porque inexperitos nas ciladas do inimigo podiam cahir mais facilmente nos seus laços e serem arrastados pela corrente das paixões e dos maus exemplos, já porque elles foram o objecto das delicias e ternuras do Divino Mestre que os chamava a si e lhes promettia a felicidade do seu reino.

Era, com effeito, espectáculo consolador, ver o modo insinuante e agradavel como elle os attraia, qual outro S. Philippe Nery.

Sentava-se no meio d'elles; tomava parte nos seus innocentes brinquedos, aproveitando sempre a occasião de lhes ensinar no animo a affeição ás praticas religiosas, habituando-os, por esta forma, sem que elles o percebessem á vida christã. O seu fallar não era alevantado nem presumido, nem tão pouco vão ou menos delicado, mas respirando sempre o influxo benefico e suave da graça do Espirito Santo que o enchia. Foram muitos os que commovidos com suas palavras, e convencidos com os seus exemplos renunciavam ao mundo seguindo o exemplo dos pobres filhos de S. Francisco, ou se congregavam em hospícios ou casas retiradas, para alli se entregarem á oração e penitencia.

Foram sem numero estes logares de retiro aonde se juntavam algumas pessoas somente com o fim de servir a Deus. No Val Elsa são ainda hoje recordados muitos d'elles com o nome de ermitérios, nos quaes, desde o tempo de Lucio floresceram todas as virtudes evangelicas. Nas memorias da comarca a que pertencia Lucio, refere-se que algumas mulheres habitavam em casas pouco affastadas de Poggibonsi, outras no hospício de Romituzzo e no de S. João de Jerusalem, junto da ponte de Bonizzo, as quaes viviam das esmolas do municipio e do povo. Oh! quantas não foram as almas afortunadas que Lucio guiou ao paraíso pelo caminho da humildade, do amor e da penitencia! Entre estas que concorreram para augmentar extraordinariamente o thesouro dos seus meritos e de gloria na patria celeste, merece especial menção um illustre joven poggibonense de quem fallaremos mais tarde, em breve noticia biographica. Mas se o nosso santo, pelo amor intensissimo que o inflammava, procurava o bem espirital e eterno de seus irmãos de qualquer classe e condição, com zelo mil vezes maior occupava-se na educação de seus filhos que elle fortalecia com os mais santos exemplos.

Estava convencido que a educação não é uma cousa de pouca monta, como tantos se persuadem, mas antes a principal occupação do amor paterno e o mais arduo negocio da razão humana. Não basta lançar na alma a semente da virtude, mas é necessario cultivar-a com amor e constancia até á colheita dos fructos; não basta desenhar superfi-

cialmente os principios da religião, mas gravar-os profundamente, de modo que fiquem indeleveis. E' necessario não só fortificar, mas tambem reformar com acerto a natureza corrompida. Sabia que ter filhos educados é um bem; tel-os instruidos é util; mas fazel-os virtuosos é necessario para o tempo e para a eternidade. Por isso andava sollicito em negocio de tão alta importancia, temendo sempre, ou que a maldade manchasse os seus juvenis corações, ou que o seu affecto paterno, demasiadamente carnal, o pudesse tornar a elle mais frio no amor de Deus. Por esta razão quando elles caíam doentes não se perturbava com ideia de que elles morressem, nem se preocupava com demasia, mas pelo contrario, como mais tarde fazia a beata Umiliana, dizia no seu coração a Deus: Oh! como seriam felizes estes meus filhinhos se saíssem do mundo assim innocentes como agora se acham. Se assim agradar a Deus, prefiro a morte d'elles n'este momento, a que fiquem no mundo para mais tarde o offender, e perder a herança do Paraíso.

O já referido escriptor Tolomei, que mais tarde morreu no convento de S. Lucio em cheiro de santidade, fallando dos filhos de Lucio, diz que elle teve apenas dois de Bonadonna, e que sempre rogava a Deus que os levasse d'este mundo sem o offender.

O auctor da vida de S. Lucio explica-se ainda em termos mais claros e energicos a arca dos sentimentos de Lucio para com seus filhos. Um dia, diz, arrebatado no amor de Jesus, entre muitas lagrimas e dolorosos suspiros, fazendo violencia á propria natureza, pediu a Deus, com grande fervor a morte de seus filhos, para que estes não fossem de estorvo á sua salvação.

Sabendo d'isto sua mulher, em vez de se magoar, deu muitas graças a N. Senhor, lançou-se aos pés do marido, confortou-o nos seus desejos santos, e rogou a Deus para que os votos do seu marido e os d'ella fossem ouvidos e despachados.

Parece certo que este acto heroico, praticado pelos dois santos esposos fosse bem accite aos ceus, e que os seus filhos, na flôr dos annos, fossem gesar das delicias do paraíso, porque não ha memoria alguma d'elles para o futuro, nas chronicas d'aquelle tempo.

(Continua).



ANECDOTAS

Na junta correccional:

— A senhora é accusada de ter atirado uma garrafa de azeite sobre seu marido.

— Mas, Snr. juiz, dizem me que é assim que acalmam as tempestades e meu marido estava muito zangado.

— E soceguou?

— Ficou manso como um cordeiro.

— Bem! Póde ir se embora. Seu marido pagará as custas.

*

— Em Madrid, diz um hespanhol ha uma praça arborizada do tamanho da cidade de Lisboa.

— Ora, diz um outro, na Catalunha não ha praças as-

sim grandes, mas as ruas todas tem mais de duas leguas e tem a largura da metade da grande praça de Madrid.

*

— Por que é que dás sempre corda ao relógio depois do jantar?

— Porque o medico aconselhou me que fizesse exercicio depois da comida para auxiliar a digestão.

*

Romance de sensação

— O senhor tem algum romance de muita sensação?

— Tenho varios...

— O mais tragico possivel.

O caixeiro vai buscar um volume á prateleira:

— Aqui tem um a seu gosto.

— Quanto custa?

— Seis mil reis.

— Um só volume! Seis mil reis!!

— Mas é no genero em que o senhor procura. Olhe, principia logo por uma facada.

— Uma facada... Sim, senhor, eu já senti.



Leituras amenas

Historia de João e Maria

E' UMA narrativa d'um dos mil lances tragicos e dramaticamente sentimentaes que entretecem a vida irrequieta e aventureira de portuguezes que se iam, *por mares nunca d'antes navegados*, á cata de fortuna, e da gloria da espada ou da cruz. Não figura na *Historia tragico-maritima* porque lhe é posterior; copiando o facto do vago e indeciso da tradição oral á escripta, tememos desfigural-o em sua simplicidade e deslustral-o de sua ingenuidade edenica e fundamente lyrica. Tentemos.

Um negociante, avido de fortuna, se partiu para as Indias com sua mulher; correram-lhe as cousas, por lá, ás mil maravilhas, o dinheiro não lhe foi esquivo: amealhou-o em abundancia, á volta de poucos annos nasceram-lhe, com a prosperidade, saudades da patria querida. Embarcou-se trazendo comsigo a mulher e dois filhos que Deus por lá lhe dera — um menino e uma menina encantadores, formosissimos; o menino, que se chamava João, tinha 4 annos, a menina, chamada Maria, tinha apenas 3.

Quando, já em meio da viagem, assaltou-os furiosa tempestade; o piloto mostrou ao pobre do negociante o risco que corria, e elle, tremendo de afflicção e dor, atou a mulher e filhos a uma prancha, enquanto a nau, balouçada no vae-vem das vagas, se despedaçava, despedaçando-lhe a ventura de seu porvir, contra os rochedos d'uma ilha. Não houve tempo para mais! a nau desapareceu e o infeliz pae tambem.

A prancha que segurava na immensidade das aguas a mãe e os dois meninos, foi levada pelos ventos, como ligeiro baixel, até ás praias d'uma

ilha. A mulher desatou as cordas e caminhou para o interior da ilha com as duas creanças. Ali o primeiro pensamento que lhe accudiu á mente foi agradecer a Deus o beneficio grande que lhe fizera, salvando-a e o precioso fructo de suas entranhas; de joelhos ladeada dos infelizes innocentes, endereçou aos ceus fervente prece, como soem de ser as da desventura, a primeira de certo que, n'aquellas solidões, subiu a Deus envolta nas harmonias da natureza selvagem.

Affligia á pobre mãe o pensamento da morte do marido, seu unico arrimo; demais, em sua imaginação, gravava-se-lhe, a negros traços, a morte desesperadamente cruel de seus filhos e sua: á fome ou ás feras não havia de escapar; este era o lugubre quadro que lhe apresentava o futuro. Caminhava toda embebida n'estes pensamentos desconsoadores, procurando uma cabana onde agasalhar seus filhos. Viu algumas arvores carregadas de fructos; colheu alguns; deu de comer aos tristes e comeu tambem.

Era ao cahir da noite e sem encontrar cabana, nem vestigios da mão do homem: a ilha era deserta. Abrigou-se, durante a noite, n'uma gruta architectada de rochedos enormes, não muito longe da praia; conchegou bem ao seu peito as creancinhas que tremiam, na escuridão da noite, ouvindo o fremito do mar na costa. De manhã o filho voltando-se para a mãe, lhe diz:

«Então o papá não vem? Para onde é que elle foi? Porque é que nos poz n'este logar sósinhos?»

— O papá, meu filho, respondeu a triste, deramando abundantes lagrimas, o papá morreu, e nós se estamos vivos, depois de Deus, a elle o devemos; mas tendes outro pae: é Deus, está aqui comnosco ainda que não o vemos; é Elle que nos dá estes fructos, e terá cuidado de nós, comtanto que o amemos de todo nosso coração e o sirvamos fielmente.

Vendo que na ilha não havia animaes ferozes, resignou-se a ficar ali. Tratou de dar uma boa educação a seus filhos, esperando que Deus viria em sua ajuda. Salvou do naufragio um Evangelho e um livro d'orações, por onde lhes ensinava a ler e a conhecer a Deus. Depois de aprenderem a ler as creancinhas gostavam muitissimo de passar o tempo conversando sobre o conteúdo dos seus livros; eram d'uma indole excellente, tinham um coração d'ouro, e uma submissão sem limites aos menores desejos de sua mãe.

Ao cabo de dois annos cahiu doente; e, conhecendo que ia morrer, concebeu grande inquietação pelo futuro de seus pobres filhos; mas por fim pensou que Deus, que é a mesma bondade, ser-lhes-ia bom Pae; este pensamento tranquillizou-a. Estava deitada na sua gruta, e tendo chamado seus filhos, lhes fallou d'este modo: «Dentro em pouco morrerei, meus queridos filhos, e ficareis sós sem mãe. Não vos esqueça que não ficais de todo sós, e que Deus vê tudo quanto fizerdes: não Lhe falteis nunca com a oração da manhã e da noite. João, meu caro filho, olha-me por tua irmã Maria, nunca

lhe ralhes, não lhe batas nunca; és maior e mais robusto, colhe para ella fructos e procura ovos». Queria dizer alguma coisa a Maria, mas não teve tempo; expirou abraçando-os ternamente.

Os desditosos orphãosinhos não comprehendiam o que sua mãe lhes queria dizer: não sabiam o que vinha a ser isto de morrer: cuidaram que dormia e não ousavam fazer ruido algum, temendo accordal-a. João foi procurar fructos, e, tendo comido, deitaram-se a um canto da gruta, e adormeceram ambos. Na manhã seguinte, ficaram muito admirados de ver a mãe ainda a dormir, e começaram a puxar-lhe pelos braços; mas, vendo que nada lhes respondia, acreditaram que ella estava enfadada com elles, e desataram a chorar; depois, de joelhos, lhe pediram perdão e prometteram portar-se melhor. Mas, trabalho baldado, a pobre mãe nada lhes respondeu. Muitos dias permaneceram ali, até que o corpo começou a corromper-se. Uma manhã, Maria gritando de dor, diz a João: «Ah! meu irmão, olha os bichos que comem a nossa boa mãe; é necessario tiral-os, vem ajudar-me». Mas o corpo exhalava tão mau cheiro, que não puderam ficar ali por mais tempo, foram constrangidos a procurar guarida n'outro sitio.

Obedeceram, em todo o tempo, exactamente á ultima vontade de sua mãe, e nunca por nunca deixaram de orar a Deus; liam a miudo seus livros que já sabiam de cór; após a leitura, passeavam ou sentavam-se sobre a relva, e João dizia a Maria: «Lembro-me, era eu bem pequeno ainda, de estar n'um paiz onde havia casas muito grandes, e muitos homens, mais que os passarinhos, que ao pôr do sol, vêm poisar sobre aquella palmeira; eu tinha ama e tu tambem, e o pae tinha um grande numero de creados; vês aquella avesinha ali a cantar? pois os nossos vestidos eram bonitos como as suas penas; de repente o papá levou-nos para uma casa que corria sobre a agua, passado tempo prendeu-nos a uma prancha, e foi para o fundo do mar, d'onde nunca mais veiu.

— Coisa bem singular essa, respondeu Maria, mas, se succedeu, é porque Deus assim o quiz; bem sabes, meu irmão, que Elle é Todo Poderoso.

João e Maria permaneceram onze annos n'esta ilha. Um dia, que estavam sentados á beira mar, avistaram uma barca, e n'ella muitos homens negros. Maria ficou entrada de medo, e queria fugir, mas João a deteve e lhe disse: «Então não sabes, minha irmã, que Deus está aqui presente e que impedirá estes homens de nos fazer mal?» Os negros, tendo descido a terra, ficaram admiradissimos ao ver estes meninos d'uma outra côr; fizeram-lhes roda em torno e fallaram-lhes, mas debalde, o irmão e a irmã nada entendiam de sua linguagem. João conduziu estes selvagens ao lugar onde estavam os ossos de sua mãe, e lhes contou como ella morreu. Ficaram embasbacados sem nada perceberem. Por fim os pretos lhes mostraram o seu batel e fizeram-lhe signal de entrar. «Não me atrevo, diz Maria, têm um carão que me faz tremer».

— Animo, accudiu João, o pae tinha creados

d'esta côr; talvez elle tornasse de sua viagem, e os enviasse a procurar-nos.

Entraram, pois, na barca que os conduziu a uma ilha pouco distante, habitada de selvagens. Foram muito bem acolhidos. João e Maria aprenderam sem grande difficuldade a lingua d'estes selvagens, conheceram o maldoso de seus caracteres, os instinctos ferozes que levavam este povo a banquetear-se com as victimas das represalias de guerras continuas, viram com espanto as ridiculas adorações prestadas a immundo chipanzé e arrependeram-se muito de ter vindo para junto de gente tão má.

O rei da ilha queria, a todo o transe, desposar Maria, que dizia a seu irmão:

«Antes morrer que ser esposa de tal homem.»

— E' por ser tão feio que não o queres desposar?

— Não, meu irmão, é porque é mau; não vês que não conheces a Deus, e que em vez de orar, se põe de joelhos ante aquelle horrendo macaco? De mais, nosso livro diz que é mister perdoar a seus inimigos e fazer-lhes bem, e bem vês, que em lugar d'isto, este pessimo homem mata seus prisioneiros e come-os.

Um pensamento me afflue á mente, disse João: se podessemos matar o macaco, elles veriam que não é Deus.

— Ou ainda melhor, replicou Maria: nosso livro ensina-nos que Deus concede sempre o que se lhe pede de coração; ponhamo-nos de joelhos, peçamos-lhe que se digne matar o macaco; não nos imputarão a morte, e não nos trucidarão.

João achou o que a irmã lhe dizia mui razoavel, puzeram-se de joelhos, e disseram bem alto: «Senhor, que podeis tudo o que quereis, matae, se vos praz, este macaco, para que estas pobres gentes conheçam que sois vós quem deve ser adorado, e não tão feio animalejo.» Estavam ainda em joelhos quando ouviram estridulo guincho: informando-se do que passava, souberam que o chipanzé saltando d'uma arvore a outra, quebrára uma perna e que estava em agonia de morte. Os selvagens que d'elle cuidavam, e que lhe eram como sacerdotes, disseram ao rei, depois que elle morreu, que Maria e seu irmão eram causa do terrivel fracasso, e que não podiam ser felizes sem que estes dois brancos adorassem seu deus. Decidiu-se logo, logo, que se faria um sacrificio ao novo macaco, que se escolhera, que os dois irmãos assistiram, e que no fim da cerimonia, Maria casaria com o rei; se recusassem fazel-o, queimar-se-iam vivos com os livros, de que se serviam para fazer encantamentos. Maria soube da resolução; tendo-lhe os sacerdotes dicto que era ella quem causára a morte do seu deus, retorquiu: «Se eu lhe desse a morte, não é verdade que seria mais forte que elle? Seria, pois, rematada estupidez adorar quem estava abaixo de mim; o mais fraco deve de submeter-se ao mais forte; e por consequente eu merecia antes as adorações do macaco, que elle as minhas; comtudo não vos quero enganar, não fui eu que matei o

macaco, mas o meu Deus que é Senhor de todas as creaturas, sem cuja permissão não podereis arrancar-me um só cabello». Este discurso exasperou os canibae; atáram Maria e seu irmão a dois postes, e preparavam-se para queimal-os, quando lhes vem annunciar que grande numero de seus inimigos acabavam de desembarcar na ilha. Acudiram a combatel-os e ficaram vencidos. Os vencedores quebraram as cadeias dos dois irmãos e levaram-nos para sua ilha, onde ficaram escravos do rei. Trabalhavam de pela manhã até á noite, e diziam: é necessario servir fielmente nosso patrão por amor de Deus, e crer que é a Nosso Senhor que servimos; é nosso livro que diz expressamente que se deve obrar assim.

Como seus visinhos, a occupação favorita d'estes selvagens era a guerra, e, como elles, refestelavam-se no pasto dos captivos. Um dia, apprehenderam um grande numero, porque eram denodados guerreiros. Havia entre os prisioneiros um branco, e como estava muito magro, resolveram pol-o a engordar, antes de comel-o. Encerraram-no em uma cabana, e incumbiram Maria de prover a a suas necessidades. A pobre menina, sabendo que devia ser comido dentro em pouco, lamentava-lhe a sorte infausta; olhando-o com ar compassivo e piedoso, exclama: «Meu Deus, meu Deus, amercia-vos do infeliz!» O bom do homem, que ficou possuido d'admiração vendo uma donzella da sua mesma côr, ficou-o muito mais quando a ouvia fallar em sua lingua e invocar o Deus verdadeiro. «Quem vos ensinou a fallar portuguez e a conhecer a Deus verdadeiro?»

— Não sei o nome da lingua que fallo, lhe respondeu Maria; é a lingua de minha mãe, foi ella que m'a ensinou: quanto a Deus, temos dois livros que fallam d'Elle, e todos os dias lhe dirigimos nossas preces.

— Ah! meu Deus! exclamou o homem levantando as mãos e os olhos ao ceu, será possível? Mas, minha filha, poderieis mostrar-me vossos livros?

— Eu não os tenho, mas vou ter com meu irmão que os guarda, e mostrar-vol-os-á. A joven saiu; passados instantes chegou com João que trazia os livros. O branco abriu-os tremendo de commoção, e, ao ler na primeira folha: *Este livro pertence a João Mauricio*, exclamou: «Ah! meus queridos filhos! sois vós quem vejo? vinde abraçar vosso pae, dae-me novas de vossa mãe.»

João e Maria, a estas palavras, lançaram-se em seus braços, derramando lagrimas de alegria; Volvidos os primeiros momentos de jubilo indizível, João tomando a palavra, disse: «Sinto, no alvoroço de meu coração, que sois meu pae: todavia não percebo como pode ser isto, minha mãe me disse, que caistes no fundo do mar, e de presente sei que lá não é possível a vida.»

— Eu cahi effectivamente ao mar quando a nossa nau se entreabriu, mas, tendo-me agarrado a uma prancha, cheguei felizmente a uma ilha, e julguei-vos perdidos.

João relatou-lhe tudo quanto conservava na memoria; e seu pae chorou muito quando soube da morte da esposa. Maria chorava tambem, mas era por outro motivo. Ai de mim! para que serve ter achado meu pae, se deve morrer e ser comido dentro em poucos dias?

— Quebremos as cadeias, replicou João, e salvar-nos-emos todos tres na floresta.

— E que faremos ahi, meus pobres filhos? retorquiu João Mauricio! Os selvagens apanhar-nos-hão, ou então morreremos de fome.

— Deixae-me cá, diz Maria, sei um meio infallivel de salvar-vos.

Sahiu e foi ter com o rei. Como entrou na sua cabana, lançou-se-lhe aos pés e disse:

«Senhor, tenho uma grande graça a demandar-vos; prometteis conceder-m'a?»

— Juro-o, obtemperou o rei; se eu estou contentissimo comtigo.

— Pois bem: aquelle branco, de que me encarregastes, é meu pae e o de João; resolvesstes comel-o, porém reparaes que está avelhentado e magro, e por consequencia não é dos melhores manjares, ao passo que eu sou joven e roliça; por isso espero que me comereis em seu logar; só vos peço oito dias para ter o prazer de o ver antes da morte.

— Nada, replicou o rei; és tão boa filha que nem por todas as coisas do mundo mereces a morte; sê em socego: viverás e teu pae tambem; até te digo mais uma coisa: vem, todos os annos, a esta ilha um navio cheio d'homens brancos, aos quaes vendemos alguns prisioneiros; breve chegará, podeis ir-vos com elles.

Maria agradeceu muito ao rei, e em seu coração rendia graças a Deus, pela ter salvado e a seu pae das mãos d'aquelles selvagens; correu a levar a feliz noticia; e a poucos dias andados, o navio de que lhe fallara o rei, chegava, embarcou n'elle com seu pae e irmão. Surgiram n'uma grande ilha habitada por hespanhoes.

O governador quando soube a historia de Maria, disse consigo: «Esta donzella não tem cinco reis, está requeimada do sol; mas é tão boa e virtuosa, que poderá tornar seu marido mais feliz que se fosse rica e formosa». Pediu a Mauricio a mão de sua filha, e fez que João desposasse uma de suas parentas. E assim a todas as afflicções antigas, a todas adversidades succedeu a felicidade e o repouso. Maria nunca esqueceu os beneficios grandes da divina Providencia; passados muitos annos, já depois de seu enlace ter fructeado avonde contava, no remanso do lar, aos filhinhos, grupados bem juncto ao regaço materno, os lances afflictivos, que amarguraram sua primeira idade; e d'aquelles corações innocentes evolavam-se mil benções e louvores ao Pae do Ceu que lhes salvara o anjo tutelar — a mãe da terra.



CULTO DE S. ANTONIO

A DEVOÇÃO universal a S. Antonio, continuada por sete seculos, é um facto surprehendente que só deixa de attrahir a nossa attenção porque se passa nos olhos de todos. O culto de S. Antonio tem uma feição característica, um cunho singular que o distingue de qualquer outro.

De feito: não é para maravilhar a extraordinaria affeição do povo catholico ao Principe dos Apostolos, ou ao Santo Precursor,—affeição que por vezes se traduz n'essas folias e divertimentos bem indignos da magestade do culto catholico. E' um facto que se explica visto o papel proeminente que os dois Personagens desempenharam na vida do Salvador

A ninguem surprehende tambem o enthusiasmo e religioso respeito com que se pronuncia o nome d'um Domingos de Gusmão, d'um Francisco d'Assis, d'um Ignacio de Loyola, d'um Vicente de Paula, ou d'uma Thereza de Jesus; que estes vivem ainda nos institutos que lhe herdaram o espirito, e que d'elles aprenderam heroicas virtudes com que edificam o mundo.

Egualmente se explicam os cultos singulares, as honras extraordinarias com que este ou aquelle Santo é venerado n'aquelle ou n'aquell outro lugar que foi santificado com sua vida, e onde por seculos se tem conservado viva a memoria de suas virtudes e o fructo de seus beneficios.

S. Antonio, sim, foi apostolo, mas seu apostolado só se desenvolveu n'uma pequena parte da Europa; e comtudo seu culto é espalhado em todo o mundo. S. Antonio, foi, é verdade, um trabalhador incansavel na vinha do Senhor, regou-a abundantemente de seus suores; mas sua vida foi breve e não deixou filhos que lhe immortalisassem o nome. E comtudo ha sete seculos que elle é invocado por todos os povos, e o enthusiasmo que uma vez accendeu no coração dos fieis, não conseguiu extinguil-o nem a torrente devastadora do tempo que tudo gasta, nem a profunda indifferença do nosso seculo, que a tudo tem tocado.

Como explicar este facto sem precedentes?

A explicação não póde ser outra:—E' que S. Antonio foi por excellencia o Apostolo do povo; o suor que lhe escorria da fronte ia misturar-se com o dos humildes filhos do trabalho, produzindo um balsamo salutar que era remedio para todos os males, linitivo para todas as dôres.

E como era em sua vida, assim vae sendo em nossos dias. S. Antonio a todos acóde, mas os pobres são sempre os mais favorecidos.

Em compensação, o povo, em sua fé pura e simples, rodeou-o d'uma aureola de sublime poesia. Em volta de sua figura agrupou lendas portentosas que, inflamando-lhe a phantasia, vão dar vida a esses folguedos populares, por vezes levados até ao delirio, a esses divertimentos folgazãos, que fazem uma parte tão importante do patrimonio de nossos costumes nacionaes.

Em uma palavra: S. Antonio é o santo popular por excellencia. Assim se explicam as festas estrondosas, os cultos singulares de que elle é objecto em todo o mundo.

Os leitores já sabem alguma coisa do modo como foi festejado o Santo Thaumaturgo no mez de junho, que lhe é consagrado. Iremos agora res-pigando, aqui e além, alguns factos mais salientes do grande movimento de todos os povos para o inclito Filho de S. Francisco.

PORTUGAL.—Segundo lemos em varios jornaes, a Sagrada Congregação dos Ritos, por decreto de 19 de maio ultimo, approvou a eleição de S. Antonio para Patrono primario da cidade e diocese de Portalegre.

Aos devotos de S. Antonio.—A S. Congregação das Indulgencias, por um rescripto de 9 de junho passado, concedeu 100 dias d'indulgencia a quem rezar treze vezes o *Padre-Nosso*, *Avé-Maria* e *Gloria* em honra de S. Antonio. Esta indulgencia é applicavel ás almas do Purgatorio e póde ganhar-se uma vez por dia.

ROMA.—Como nos annos anteriores, foi o santo festejado com grande pompa e apparato. Digo nos *annos anteriores* desde 1870, porque até então eram bem mais solemnes as funcções religiosas na cidade eterna.

Entre outras manifestações em honra do inclito Thaumaturgo Franciscano, fazia-se uma solemne procissão, no domingo seguinte ao dia 13 de junho, que sahia da Basilica dos Santos Apostolos, fazendo um longo percurso. Abria a marcha um piquete de cavallaria; depois seguia-se a Confraria do Santo, com o seu estandarte escoltado por um esquadrão de tropa. Em seguida as comunidades das quatro principaes familias da 1.^a Ordem Seraphica. Depois a musica d'um regimento de linha, e atraz a reliquia do Santo, levada por um sacerdote, e a sua imagem conduzida n'um andor em forma de antigo templo. Fechava o prestito um outro piquete de cavallaria.

Além d'esta faziam-se ainda outras procissões de grande apparato, mas de que hoje só resta a memoria. Os italianissimos, na sua faina de destruir a fé no coração do povo italiano, *desamortizaram* tudo isto... e o culto catholico tem de refugiar-se ao recinto dos templos, enquanto isto mesmo lh'o não tolher a *liberdade*...

S. Antonio é, em Roma, titular de duas egrejas, uma franciscana, outra portugueza. Outra capella que lhe era dedicada teve de ceder o lugar a um monumento que se está levantando a Victor Manuel, sendo assim victima da derrocada geral que reduziu a ruinas tantas egrejas e mosteiros.

São-lhe tambem consagradas capellas e altares em mais de 30 egrejas, entre as quaes a do *Capitulo*, em S. Pedro, onde se celebram diariamente os officios do Côro. Em 1853 a sua imagem adornava a fachada de 34 casas romanas, e ante a maior parte d'estas ardia todas as noites uma lampadasinha. Hoje algumas se conservam ainda: outras desappareceram.

Membro illustre da Pia-União. — Aos 22 Cardeaes, até hoje inscriptos na Pia-União, deve juntar-se o em.^{mo} snr. Cardeal André Ferrari, Arcebispo de Milão.

FRANÇA. — Os religiosos franciscanos em Paris sustentam por semana 2:500 pobres. Tão abundantes são as offertas em acção de graças.

Em *Puy* passa-se todas as terças-feiras um espectáculo devéras commovente. Entre os muitos peregrinos e devotos romeiros que vão visitar o santo, destaca-se um grupo de pequenos surdos-mudos. Como edifica vêr estes desherdados da natureza praticar suas devoções! Agrupados ante o altar do Santo, com grandes olhos fitos em sua imagem, fallam-lhe a seu modo por mil signaes ingenuos e simples, cujo segredo só elles conhecem. Ora lhe sorriem, ora se enternecem; já o contemplam enlevados, logo se recolhem em si mesmos, como se intimo pensamente viesse perturbar-lhes aquelle extase de seu amor. Este gesticula d'um modo, aquelle faz mil visagens mais ou menos grotescas, mas sempre significativas. No rosto lê-se-lhes a alegria que lhes vae n'alma. Depois, n'um transporte infantil, beijam a reliquia do Santo, e retiram n'uma Ordem que nada tem que invejar ao desfilar do mais disciplinado regimento. S. Antonio, que tanto amava os pequeninos, hade ouvir decerto as orações rudes, mas cheias de fé, d'estes infelizes.

O Santo Padre concedeu, a 4 de maio passado, que os sacerdotes que vão em peregrinação ás Grutas de S. Antonio (*Brive*) possam celebrar missa votiva do Santo, sob condição de que n'esses dias não occorra festa de preceito, de 1.^a ou 2.^a classe, nem vigília ou feria privilegiada.

A este santuario chegam todos os dias muitas peregrinações de todas as partes da França, e até do estrangeiro. Ultimamente chegou uma de mais de 600 alsacianos. São dignos de notar-se, por sua originalidade, as de muitos collegios e casas d'instrução que vão collegialmente collocar os exames sob o patrocinio do Santo. E não escolhem mau protector.

HESPAÑHA. — Esta nação, ainda tão profundamente catholica, é uma das mais fervorosas na devoção a S. Antonio. O grande Thaumaturgo, a quem a Igreja invoca sob o titulo de astro de Hespanha — *sidus Hispania* — é alli venerado com uma fé e entusiasmo verdadeiramente extraordinario.

Celebraram-se festas solemníssimas em todas as povoações d'alguuma importancia: em Madrid, em Salamanca, em Palencia, Malaga, Segovia, Valladolid, etc.; um verdadeiro delirio.

Na egreja do Rosarillo (Valladolid) revestiram um character e uma pompa desusada. Fez-se alli ouvir a palavra abrazada do eloquente orador franciscano Fr. André Ocerin-Jaúregeü, assistindo varios Prelados e cathedrauticos da Universidade.

S. Emc.^a o Cardeal Cretoni, Pro-Nuncio em Madrid, pediu ao rev.^{mo} P. Geral dos franciscanos a necessaria auctorisação para installar a Pia-União

na Egreja Pontificia de S. Miguel em Madrid; e sendo esta de bom grado concedida, houve n'aquella Egreja uma solemníssima novena, preparatoria da festa do Santo, na qual se fez a installação. Segundo diz *La Voz de S. Antonio*, revestiu o character d'um verdadeiro acontecimento religioso.

Em *Nájera* diz uma correspondencia para *El Eco Franciscano*, as mães consagram seus filhos ao Santo Thaumaturgo, e nos transportes de sua fé, vestem-nos do habito franciscano, de modo que se não dá passo na rua sem encontrar d'estes pequeninos frades.

A 9 de maio collocou-se na Capella do Santo, na Cathedral de Salamanca, uma lampada que mede 2,40 d'altura por 0,20 de diametro, com 6 braços para 24 luzes.

Na mesma cidade, no dia do Santo Thaumaturgo, houve communhão geral e foram distribuidas aos pobres 1500 rações de sopa, grão de bico e carne.

As revistas antonianas veem recheadas de portentosos favores do inclito Franciscano. *El Pan de los Pobres* traz uma carta d'agradecimento concebida n'estes termos: «Por haver recuperado a «saude offereço para o pão de vossos pobres 25 «pesetas (aproximadamente 5\$000 reis) que me «deram para um vestido.»

CHINA. — Tambem lá, no extremo Oriente, é já conhecida a obra de S. Antonio. Deve-se aos benemeritos Padres da Companhia que em *Changai* publicam o unico jornal religioso que ve a luz na china. Em um dos ultimos numeros d'aquelle jornal publicavam um extenso artigo convidando os christãos d'aquelle imperio a recorrerem a S. Antonio, mediante a offerta de pão para os pobres. Alguns successos alli referidos teem feito muita impressão no animo dos chinezes.

CHRONICA DA PIA-UNIÃO E PÃO DOS POBRES

Petições e promessas. — Graças e favores obtidos. — Rendimento do Pão dos Pobres em Braga

I

Petições e promessas

A pedir saude. — Meu milagroso Santo Antonio, pedi a Nosso Senhor para que eu melhore n'estes dois mezes. Dar-vos-hei para o pão dos vossos pobresinhos a melhor junta de bois que tiver; farei uma novena com muita devoção e tambem me hei de confessar. — Vianna do Castello. — N.

— Bom Santo Antonio, peço-vos humildemente que me impetris da misericordia divina a saude. A minha offerta é de 5\$000 a 10\$000 reis. Fico esperançada na vossa bondade. Ah! tende misericordia d'esta infeliz que tão desgostosa vive com tão grave soffrimento. — Celorico de Basto. — N.

— Glorioso Padre Santo Antonio estou muito fraco das pernas; como vosso devoto e conhecedor do vosso valimento junto do Altissimo, humildemente vos peço e rogo me alcanceis a saude propria da minha idade, que já não é pouca. Confesso que não tenho merecimentos para obter

tal graça, mas o vosso poder é grande. Prometto vos para dar aos pobresinho 10\$000 reis. Bem sabeis que preciso muito d'esta graça para tratar do grande negocio da minha salvação, para ser útil á minha familia, ao proximo e a uma casa de beneficencia e caridade. Glorioso Padre Santo Antonio, attendei á supplica do vosso devoto, que espera ver-vos no ceu. — F.

— Milagroso Santo Antonio, confiado na muita liberalidade de Deus, que vos concede quanto lhe pedis, e na protecção que dispensaes aos que a vós recorrem, atrevo-me a pedir-vos a cura de minhas doencas, ao menos d'aquellas que mais obstem ao cumprimento da espinhosa missão que me está confiada. Se vós vos dignardes despachar meu pedido, eu, sem nunca esquecer os pobresinhos, dar-lhes hei mais tantos tostões quantas são as letras do— Miraculoso Santo Antonio. — P.

Por uma conversão. — Glorioso Santo Antonio, vêde a nossa afflicção, fazei que esta pessoa, que tanto tem feito soffrer a quem por dever de piedade devia amar, conheça o mal que tem feito e faça uma boa confissão. E' muito grave e arreigado o mal, porém maior será a honra e gloria de Deus, se alcançardes a graça que se vos pede. Tereis pelo menos 1\$500 reis para os vossos pobres.

Exame. — Milagroso Santo Antonio, attrahido pelos immensos milagres que tendes feito e animado da mais viva confiança no vosso patrocínio, a vós recorro divino Thaumaturgo, implorando vos que me alcanceis perante o throno de Deus e da sua Mãe Maria Santissima a graça de eu ficar bem este anno nos meus exames de mathematica e latinidade, e tambem vos peço que d'aqui até ao fim do anno lectivo me ajudeis a vencer todas as difficuldades que se me depararem nas minhas lições. Prometto-vos jamais faltar a minha pequena devoção de vos rezar todos os dias o terço, mandar dizer uma missa no vosso altar e quando estiver em Braga ir todos os dias visitar-vos e dar-vos alguma coisa, se puder. Confiadamente vos peço que attendaes a supplica do mais pobre dos vossos devotos. — La-mego, 19-5-96.

Por dois negocios temporaes. — Meu bom Santo Antonio, se pela vossa valiosa intercessão conseguir vender a minha casa por um preço razoavel, prometto dar para o pão dos pobres uma quantia d'harmonia com o preço por que a casa fór vendida. — N.

— Meu querido Santo Antonio, se vós me alcançardes a graça de me sahir tanto dinheiro nos bilhetes que mandei comprar, que eu possa pagar o que devo, eu vos prometto dar para o pão dos pobresinhos uma esmola de reis 5\$000, mandar dizer uma missa no convento de S. Boaventura por um padre franciscano, em honra da vossa sagrada lingua, e mandar publicar a graça na *Voz*. Ouvi-me e despachae-me este mez de julho, e tende piedade de mim que estou tão afflicto, meu querido Santo Antonio. — 1896 — M. J. F.

II

Graças e favores obtidos

Aegri surgunt sani. — Meu bom Santo Antonio, como vos hei-de eu pagar o grande favor que me acabae de fazer?! Estava muito doente e vós alcançaste-me a saude. Como sou pobre mando-vos só 10 tostões para os vossos pobres.

— Meu querido Santo Antonio, agradeço vos a graça de me terdes tirado o grave e perigosissimo incommodo, que eu tinha. Já deitei na vossa caixa 500 reis, que vos prometti. Não permittaes agora, querido Santo Antonio, que me torne a vir, que vos hei de ter sempre muita devoção.

— Meu glorioso Santo Antonio, aqui vos entrego 600 reis que vos devo, por um favor que me fizestes; pois que tendo meu marido reccorrido a todos os remedios não encontrou modo de se livrar da agudissima tosse que o affligia, e apenas eu recorri a vós logo começou a melhorar ficando em breve livre de tão perigoso mal. Dou vos mais, meu Santo, 100 reis por um outro favor que me fizesteis.

— Agradeço a Santo Antonio o grande beneficio que me fez livrando me dos horrosos incommodos que tinha

nas pernas, e mando a promessa para o pão dos pobres. — N.

— Em Paderme (Algarve) foi curada, reccorrendo a Santo Antonio, a snr.^a D. Lucia de Jesus Cabrita. Foi o caso que estando esta senhora ferida d'uma dôr sciatica agudissima que nem a deixava mover, prometteu a S. Antonio dar uma certa esmola a dois pobres e fazer que se confessassem e commungassem, se lhe restituísse a saude. Restituiu lh'a, e a snr.^a D. Lucia vem por isso agradecida protestar lhe sua gratidão na *Voz*.

Demandas ganhas. — Milagroso Santo Antonio, uma devota vossa vem mostrar perante o publico que acabae de lhe fazer um grande milagre¹, decidindo em seu favor uma cousa que vos entregou. Em testemunho da minha gratidão offerço-vos 500 reis para o pão dos vossos pobresinhos. — Vinhaes 96.

— Milagroso Santo Antonio, uma senhora que ha muito trazia uma demanda, recorreu a vós, santo milagroso, e esta foi decidida em seu favor. Remetto-vos 300 reis para os vossos pobresinhos, e peço vos agradeçaes por mim a Jesus e Maria.

Fama recuperada. — Meu glorioso Santo Antonio envio-vos 200 reis pelo milagre que me fizestes de livrar aquella pessoa d'um falso testemunho, accusada de infanticidio. Perdidas todas as esperanças de se livrar do castigo, que merece um tal crime, voltou-se para vós, e foi salva. — 11-7-96. — C.

Diversas graças. — Remetto 1\$000 reis em agradecimento d'um grande beneficio que Santo Antonio me fez. — N. — Por algumas graças concedidas 3\$240. — B. — Offerço 400 reis ao glorioso Santo Antonio por dois favores recebidos. — Offerço 700 reis ao milagroso Santo.

— Meu glorioso Santo Antonio, eu vos agradeço com a esmola de 1\$500 reis para o pão dos pobres a graça que me fizestes de livrar meu irmão de incommodos corporaes.

— Agradeço vos meu querido Santo os beneficios que me fizestes, e vos mando a esmolinha que prometti.

— Meu bom Santo, do coração vos agradeço a graça que me concedeste, e, porisso, aqui vos deixo os 500 reis promettidos. — Continuae, vos peço, a favorecer me com a vossa protecção.

— Meu bom Santo, agradeço vos com a esmola de 10 tostões, a graça que me fizestes de chegar ao Rio de Janeiro com saude e encontrar bem a meu marido.

— Pedem nos a publicação das duas graças seguintes:

1.^a Estando uma pessoa de familia doente em estado gravissimo, com uma colica, dei-lhe a tomar todos os remedios, que os medicos julgaram necessarios; mas como tudo isso de nada valesse, dei-lhe a beber agua da Senhora de Lourdes, que ella bebeu com muita fé; e ficou instantaneamente boa. Mil e mil graças a Deus e a Nossa Senhora. — Castro-Daire. — Z. do Coração de Jesus.

2.^a Uma irmã terceira de S. Francisco tendo offerecido mil communhões espirituaes e desoito sacramentaes, ao Sagrado Coração de Jesus por um assignante da *Voz*, que estava gravemente enfermo, confessa que foi atendida. — Torres Vedras. — F. de J.

III

Rendimento do pão dos pobres em Braga

Esta tão religiosa como sympathica instituição estabelecida ha pouco mais d'um anno pelos Padres Franciscanos da Serafica Provincia de Portugal, na egreja dos Terceiros, em Braga, continua a ser o arrimo e amparo de muitos desfavorecidos da fortuna. Durante o mez de junho rendeu 297\$265 reis.

Associados do penultimo numero	70:775
Mais: <i>Do Patriarchado de Lisboa</i>	283
Lisboa	11
Serra e Cortes (Thomar)	272

¹ Como filhos submissos da Egreja, fazemos saber aos leitores da *Voz* que ao referir as graças de Santo Antonio, não usamos da palavra *milagre* na sua occupação rigorosa.

<i>Archidiocese prima</i>	309
Villa do Conde	31
Barcellos	1
Famalicão	6
Povoa do Varzim	55
Navaes	111
Estella	105
<i>Diocese do Porto</i>	214
Porto	72
Fregim	7
S. Thyrso	32
Mancellos	3
Couto de Cucujães	17
Canellas	53
De varias partes	20
<i>Diocese de Coimbra</i>	99
Aveiro	7
Condeixa	30
Agueda e visinhanças	62
<i>Bispado de Bragança</i>	
Mirandella (Frechas)	94
<i>De varias dioceses</i>	196
Total dos associados	71:970

Zeladores da Pia União. — Continuam a sel o Rev.^o Padre Soares, Lisboa, (aos Anjos); a sr.^a Jacinta dos Santos, Serra (Thomar); o rev.^{mo} sr. Abbade de Priscos (Braga) e o sr. Pedro João d'Oliveira, da Povoa do Varzim



ECHO DAS MISSÕES

Mais um martyr. — As Irmãs Brancas. — Festa do Corpo de Deus. — Novas dioceses. — Os Franciscanos no Peru. — Padres salesianos. — Bispo missionario. — Conversão d'um bispo schismatico.

«Ide e ensinae a todas as gentes», disse Jesus aos apóstolos; e elles, rindo dos perigos, vencendo obstaculos, desprezando as vidas, foram mundo além pregando a todos a *boa nova*, a doutrina do Evangelho. O mundo civilisado e barbaro escutou sua voz, e reverente curvou se a suas palavras, confundindo se todos n'um osculo de amor á sombra da cruz. Os apóstolos morreram, mas o apostolado não feneceu. Milhares de corações aquecidos ao fogo da caridade christã, proseguiram uma obra tão gloriosamente encetada e na serie de desenove seculos não têm fallecido obreiros na vinha do Senhor. E hoje a bandeira da cruz tremula ovante em todas as partes do mundo, porque a todas a levou o braço do missionario incansavel em sua missão de amor.

Respiquemos alguns factos concernentes ás fadigas do apostolado

AFRICA

Mais um martyr. — A familia do padre Berthieu foi officialmente informada pelo governo francez de que este padre havia sido assassinado pelos fahavalos de Madagascar.

Era este missionario zelosissimo e infatigavel em propagar a doutrina da verdade, e um apoio do governo francez na pacificação da grande ilha africana que tão cara tem custado aos francezes, e sabe Deus quanto ainda lhes custará.

Quando pela primeira vez os fahavalos invadiram o districto da missão do glorioso padre Berthieu, teve elle de fugir com todos os seus amados christãos e preferiu dormir exposto ao ar do que abandonar os christãos, nao obstante as reiteradas instancias dos officiaes francezes que lhe pediam accetasse o abrigo d'uma tenda. Accommetteu-o depois a febre, e, para cumulo de provações, um dia em que ia a cavallo troou muito perto o canhão, e o animal, que

não era acostumado a tão estranho estampido, assustado, derribou seu inoffenso cavalleiro, arrastando-o pelo chão, d'onde lhe veio ter de retirar-se a Tananarive. Suppõe-se que, depois de melhorado de novo tomára conta da sua missão, e que então foi assassinado.

As Irmãs Brancas. — São apenas conhecidas na Europa, porque o campo de sua actividade é o continente africano. Na Europa têm sómente em França algumas casas, onde provam a vocação e a virtude que se requer para as missões, ás donzellas que desejem sacrificar-se ao apostolado da conversão das almas dos pobres negrinhos que por lá vivem nas trevas da ignorancia. Em Algeria, Kaby'a e Sahara têm hospitaes, escólas, asylos para os orphãos e dispensatorios; vão visitar o arabe sob sua tenda e os indigenas em suas cabanas, levando-lhes com o sustento do corpo o pão da verdade. Muitas são as creancinhas a que têm salvo a vida do corpo e a vida da alma. Ainda faz pouco que em Malakoff foi administrado o baptismo a dois orphãosinhos musulmanos recolhidos pelas Irmãs Brancas durante a fome que em 1893 affligiu a Algeria. A mais nova d'estas creanças, com sete annos de idade, toda jubilosa na vespera do seu baptismo, repetia amiudadas vezes:

— A'manhã, ámanhã serei já filha do bom Deus; hoje sou ainda filha do demonio muito negro.

São muitas as creancinhas salvas por estas benemeritas Irmãs, as quaes lhes retribuem em amor e carinho os desvelos e trabalhos soffridos por ellas.

Festa do Corpo de Deus. — Em Tetuan (Marrocos) celebraram os padres franciscanos com a possível pompa a festa do Corpo de Deus. Na procissão ia vestido de uniforme o consul, dois officiaes do exercito hespanhol e o ehanceller-interprete. Os musulmanos e judeus olhavam com assombro tão sublime espectáculo.

AMERICA

Novas dioceses. — A Republica Argentina não tinha mais que uma provincia metropolitana, a de Buenos-Ayres, com quatro dioceses suffraganeas. Por um accordo, porém, havido entre a Santa Sé e esta republica, as camaras votaram as sommas necessarias para a instituição de tres novas dioceses.

Os franciscanos no Perú. — São estes religiosos muito estimados n'esta republica, principalmente em Lima, onde têm um collegio. Costumam os directores dos 4 hospitaes da cidade, todos os annos, depois das festas da Semana Santa, convidar estes zelosos padres para fazerem os exercicios espirituales nos mesmos estabelecimentos de caridade. Este anno colheram muito fructo d'estes santos exercicios, pois que o numero dos enfermos que se confessaram e commungaram foi grande. Os soldados do hospital militar tambem aproveitaram d'estes santos exercicios, e de 200 que eram só 40 ficaram sem sacramentos.

«Dava gosto, diz um dos missionarios, e ao mesmo tempo alento nos trabalhos vêr a attenção e fervor com que ouviam a palavra de Deus, não somente os soldados rasos, mas tambem os officiaes do exercito. A maior parte d'estes ultimos affrontando respeitos humanos recebeu os sacramentos da penitencia e Eucharistia.» Os soldados cobraram grande amor aos missionarios e ao apartarem se sentiram muito a ausencia dos religiosos.

Padres salesianos. — O governo brasileiro pouco affecto, como todos sabem á Igreja catholica, não deixa de mostrar sympathias pelos benemeritos padres salesianos que prestam immenso serviço á republica e á religião entre os selvagens do Matto Grosso onde tem uma extensa missão. O governador d'esta provincia animado dos melhores sentimentos para com estes padres concedeu-lhes 24:000 hectares de terreno para colonia e 1:800 em propriedade.

A respeito dos trabalhos da missão diz um missionario: Ha seis mezes que cuido d'esta ardua e difficil missão e n'este curto espaço de tempo e em nossas condições, temos obtido excellentes resultados. Para ganhar o affecto

dos indios é mister usar de mil maneiras. Já distribuimos por elles mais de 400 vestidos e mais ainda teriamos dado, se mais houvesse. Estes selvagens não gastam outro fato que o que trouxeram ao apparecerem no mundo. — Já começámos a ensinar-lhes os trabalhos de agricultura, cousa que lhes é mui dura e insuportavel, de maneira que sou obrigado a não desamparal-os um momento e a trabalhar com elles. Consola-me porém em meio de meus trabalhos as boas disposições dos indios.

As Filhas de Maria Auxiliadora prestam tambem grande auxilio á missão. A superiora faz de medico e pharmaceutico, tendo já obtido com seus medicamentos resultados admiraveis, pelo que os indios em suas doenças vão logo procural-a, o que não faziam ao principio.

ASIA

Bispo missionario. — M. Lesné, lazarista, superior da missão da Persia foi nomeado arcebispo de Philippopolis e delegado apostolico para a Persia.

Conversão d'um bispo schismatico á religião catholica. — Mons. Abed-alla Sadady, pertencia ao schisma jacolita monophysita, e residia em Diarbékir (Mesopotamia); convencido da verdade da religião catholica e movido pelo zelo do patriarcha syriaco d'Antiochia, Mons. Benin, infatigavel em promover a união das Igrejas orientaes, rogou o de acceitar a sua conversão.

Mons. Benin encontrava-se em Mossoul e por isso delegou no bispo catholico de Diarbekir o poder para lhe receber a abjuração, absolvel-o e authorisal o a dizer missa em sua Igreja.

Espera-se vêr em breve realisadas muitas conversões de schismaticos, mormente depois de haver sido dada uma enciclica tão magistral como foi a ultima de Leão XIII.



ILLUSTRAÇÕES DO PRESENTE NUMERO DA «VOZ»

S. Antonio dos Terceiros. — Damos no presente numero o retrato da bella imagem do Santo dos Milagres, tal qual ella se venera na igreja da V. Ordem Terceira de Braga. Hoje é sem duvida a imagem de Santo Antonio mais venerada em Portugal. Perante ella quantos necessitados de todas as graças não vão ajoelhar-se todos os dias. E' a seus pés que estão os cofres para as petições que os devotos lhe dirigem e para receber as esmolas que lhe prometteram para o pão dos pobres, que S. Antonio tem a seu cargo alimentar, todas as semanas a uns, ou todos os mezes a outros.

Nenhum se retira do pé do seu altar sem ter recebido consolação. Ainda que a graça que imploram não seja para logo despachada, é tal a confiança que elle inspira, é tão meigo o seu olhar, que a virtude da resignação se infunde docemente na alma, a qual é muitas vezes uma graça ainda maior do que aquella que os devotos alli tinham vindo primeiro implorar.

Ha pessoas em Braga tão confiadas na protecção d'esta imagem milagrosa, que todos os dias, desde que alli se restabeleceu o seu culto especial, pela devoção do pão dos pobres, se vão prostrar deante d'ella a implorar alguma graça.

Com effeito, desde pela manhã até á noite, não se entra n'aquella igreja que se não veja alguém orando deante do altar de S. Antonio.

Feliz a cidade que tem dentro dos seus muros um tão poderoso defensor, e felizes os fieis que a elle se podem dirigir com a certeza de serem ouvidos nos seus rogos.

S. Boaventura, Doutor da Igreja. — Nasceu em Bagnorea, cidade da Toscana, provavelmente no anno de 1221. Ainda joven entrou na Ordem de S. Francisco levado pela propria devoção e em cumprimento de um voto que sua mãe fizera para o livrar de uma terrivel doença que o levava ás portas da morte, sendo elle creança. Mais tarde, foi enviado a Paris a estudar theologia com o grande Alexandre d'Ales. Este costumava dizer do seu discipulo, admirando a sua innocencia e candura: «parece que Fr. Boaventura não peccou em Adão».

Foi n'esta occasião que elle tomou conhecimento com S. Thomaz d'Aquino, que tambem frequentava a mesma Academia, tornando-se amigos intimos porque se comprehendiam nas aspirações que ambos tinham ao mesmo ideal: virtude e sciencia.

Depois de formado na faculdade de theologia, foi-lhe confiada a cadeira que regia seu mestre Alexandre, cargo que occupou com admiração universal.

D'aqui passou ao governo supremo da Ordem, que desempenhou com aquelle zelo e proficiencia de que só são capazes os grandes homens, cuja virtude os faz santos, cuja sciencia os faz prudentes.

Clemente IV insistiu com elle para que acceitasse o Arcebispado de York, mas não foi possivel resolver-o. A' morte d'este Pontifice, os cardeaes, reunidos em Viterbo, não concordavam sobre a eleição do novo Papa. Foi então que Boaventura, penetrando no consistorio, fallou tão eloquentemente ácerca das qualidades do successor de Clemente, que todos para logo accordaram na eleição Gregorio X.

Passados quatro mezes, Boaventura recebia uma carta do Papa em que por *Santa obediencia* o obrigava a acceitar a dignidade de cardeal e bispo d'Albano.

O mesmo Pontifice encarregou-o de preparar os trabalhos para a celebração do concilio de Leão, realisado em 1274, durante o qual falleceu Boaventura, a 15 de julho. O cardeal dominicano Pedro de Tarantasia foi quem celebrou a missa de *requiem* e pronunciou a oração funebre que começou por estas palavras: *Dilecto super te frater mihi Jonata.*

Na sessão seguinte do concilio o Papa fez o elogio do morto, declarando que a sua perda era irreparavel para a Igreja, e ordenou que todos os prelados e sacerdotes do mundo rezassem uma missa pelo descanso eterno de Boaventura.

Finalmente, Sixto V, considerando as preclaras virtudes de Boaventura e a extraordinaria importancia de seus escriptos elevou-o á dignidade de Doutor da Igreja.

Uma das maiores glorias de S. Boaventura foi a União dos Gregos. No Concilio de Florença os

escriptos d'este grande doutor serviam de norma aos Padres, em todas as decisões que haviam de tomar. O mesmo succedeu no concilio Vaticano.

S. Boaventura distingue-se de todos os demais doutores pelo espirito de devoção que respiram todas as suas obras.



Secção Scientifico-litteraria

A POLITICA DEBAIXO DO PONTO DE VISTA SOCIAL

I

Noções fundamentaes

Antes de tudo convem precisar o character e a importancia da questão politica com respeito á questão social.

Emquanto que a sciencia social comprehende no seu conjuncto o estado de todos os organismos que compoem a sociedade e das leis que presidem ao desenvolvimento da sua vida, a sciencia politica limita o seu objecto a um só d'estes organismos: o Estado. E', propriamente fallando, a sciencia do governo.

A sciencia politica está, pois, para a sciencia social, como a parte está para o todo. Sendo distincta d'esta, está, todavia, ligada com ella por um ponto de subordinação. D'aqui se deixa ver quanto é grande o erro d'aquelles que fazem da politica o centro d'atração de todas as suas preoccupações, ou que desejarem resolver todos os problemas politicos sem se importarem com a sciencia social. Para estes o secundario tornou-se o principal, e o accessorio o essencial.

Todavia, subordinar a questão politica á questão social não é negar a sua importancia; porque se o poder politico é apenas uma roda da vida social, é todavia uma roda indispensavel. O Estado é a peça d'união que sustenta em equilibrio os diversos órgãos da machina social: o seu officio é manter cada um no lugar que lhe convem e no exercicio do cargo que que lhe está imposto pelo seu fim particular e pelo bem geral da collectividade.

D'estas breves considerações resulta que o Estado não é o fim de si mesmo, mas que tem o seu fim na sociedade; que não existe para si nem deve obrar para si mesmo, mas em vista do bem da sociedade; por outras palavras: a razão de ser do poder publico é o bem social. O exercicio do poder não tira a sua legitimidade d'um pretendido direito absoluto e immutavel, mas da *aptidão para exercer as suas funcções*, que consistem em ser, entré os diversos órgãos do corpo social, um principio de unidade, de justiça e de progresso. E' segundo o modo por que elle realisar este triplice fim que elle adquire o character de legitimidade. Podemos dizer, por conseguinte, debaixo do ponto

de vista de pura theoria, que a legitimidade do poder não provém nem do modo segundo o qual foi estabelecido, nem da forma porque se acha constituido, nem da pessoa que o occupa, mas tão somente da sua adequação ao fim, isto é da sua aptidão para procurar o bem social.

Poderá d'aqui inferir-se, por ventura, que as constituições politicas, cujo fim é regular as attribuições e o modo d'exercicio do poder soberano, sejam cousa indifferente, de que se possa prescindir na apreciação da legitimidade d'um poder constituido? Não, por certo. Porque se as constituições politicas não são a fonte da legitimidade, são todavia um argumento a seu favor e a sua garantia. Toda a constituição politica tem por fim regular o modo d'exercicio e de transmissão do poder de tal sorte que este seja sempre devolvido ao mais apto para prehencher os seus deveres e sempre exercido conforme ao maior bem social. Tal é, pelo menos, a pretendida ideia de constituição politica, sem a qual não teria razão de ser.

Mas é necessario contar com a imperfeição inherente a todas as instituições humanas, com as fraquezas do coração que tornam possivel a transgressão do direito e a violação da justiça, e reconhecer desde logo que, não obstante todo o cuidado com que foram elaboradas, as constituições politicas podem levar ao poder não o mais digno, mas um incapaz ou um indigno, que occupará aquelle cargo sem cumprir os deveres inherentes. Este pode ser soberano legal, mas verá enfraquecer-se a sua legitimidade. Poderá ser mantido no poder para evitar um mal maior, mas não terá direito á obediencia senão emquanto as suas ordens não forem contrarias ao bem publico.

E se este facto, em lugar de ser accidental e passageiro, se tornasse habitual e constante seria signal de que as regras estabelecidas pela constituição são insufficientes para determinar o depositario legitimo do poder; e então o bem social exige a suppressão ou modificação d'estas regras, segundo a incapacidade de governar provém da pessoa somente ou tambem do modo de a designar.

Em materia politica, do mesmo modo que em materia economica não no mundo direito absoluto e inadmissivel; o exercicio do direito está intimamente ligado ao cumprimento das suas funcções, e o direito de governar é inseparavel da aptidão de governar segundo exige a utilidade social.

Foi o orgulho do cesarismo pagão que imaginou a inamovibilidade do poder, que a adolação baixa dos juristas do antigo regimen intendeu substituir a noção christã da soberania.

Mas a philosophia e a historia lá estão para provar que as mudanças de dynastia e de regimen são possiveis sem que a legitimidade do poder seja violada.

Se a humanidade fosse por toda a parte identica a si mesma, seria sufficiente para todas as nações e para todos os periodos historicos uma constituição politica legitima, uma só fórma de governo capaz de conduzir a sociedade ao seu fim. Mas não

é esta a realidade das cousas. Entre os povos existem grandes diferenças de temperamento, de costumes, de aptidões, de moralidade. Ora, como o fim de cada individualidade é proporcional ás faculdades que a caracterizam, cada povo deve ter um fim especial, em relação com o seu genio particular. Portanto, é por meios diferentes que cada povo se encaminhará para o seu destino, como por constituições diferentes manifestará o seu desenvolvimento e a sua vida.

Assim se prova fortemente a verdade d'este principio, aliás tão desprezado: a melhor forma de governo para um povo é a que melhor corresponde ao seu caracter, aos seus costumes, ás suas necessidades.

Ha mais ainda: a diversidade das instituições sociaes e politicas não se manifesta sómente no espaço, mas sim tambem no tempo. Em nenhum momento da sua vida um povo permanece identico a si mesmo. A evolução é a lei da vida e a sociedade tem por fim precisamente favorecer esta evolução, fornecendo aos individuos que a compõem os meios de se elevar progressivamente a um grau superior de cultura intellectual, de valor moral e de bem estar material.

A historia da civilisação não é outra cousa mais do que a historia d'esta ascensão gradual da humanidade, partida da situação miseravel em que a tinha lançado a queda original, para se elevar a uma condição social melhor. Não queremos dizer que este progresso seja resultado de uma evolução fatal, nem que se manifeste igualmente em todas as epochas da historia; a par dos periodos de progresso, ha, com effeito, periodos não menos numerosos de decadencia. Mas o que é certo é que o destino da humanidade é de se libertar gradualmente das misérias materiaes e moraes, para conquistar uma independencia cada vez maior, filha de maior prudencia e virtude.

E' necessario, pois, conceber a sociedade não como uma massa inerte, crystalisada n'uma eterna immobildade, mas como uma collectividade viva, chamada a percorrer n'uma evolução incessante todas as phases d'um aperfeiçoamento progressivo.

E' pois evidente, como acima dissemos, que, em nenhum momento da sua historia, um povo pôde permanecer estacionario, identico a si mesmo; deve progredir ou retroceder.

Ora, ao mesmo tempo que se modificam as suas aptidões, os seus costumes, o seu caracter e mudam as condições da vida, transformam-se as relações dos homens entre si e por consequencia as instituições sociaes nas quaes estas relações se traduzem. E, como a cada estado social determinado, corresponde um regimen politico particular, segue-se que, de idade em idade, e n'um mesmo povo, as instituições politicas podem e devem modificar-se, segundo se modificam as aptidões e as necessidades do organismo social ao qual devem adaptar-se.

Se, pois, a forma do poder interessa a legitimidade do poder, não é a titulo d'elemento essen-

cial, mas a titulo d'elemento contingente, porque esta forma, longe de ser immutavel e necessaria, pôde variar segundo as circumstancias. Quanto á legitimidade do poder, esta permanece em si mesma independente, quer do sujeito que d'elle está investido, quer do modo como se constituiu, quer da forma pela qual se exerce; o seu criterio supremo é, dizemol-o ainda uma vez, *a aptidão de procurar o bem social*.

E' este o principio absoluto que vive acima dos tempos e dos logares; tudo o mais é relativo, variavel e contingente.

(Continúa.)

UMA FLOR N'UM MOSTEIRO

(IMPROVISO)

Pobre flor, que já não tens
Mão de monge que te cegue
As más hervas que te afogam,
E que nas calmas te regue:

Mão de monge curiosa,
Desvellada em te amannhar,
Para no dia festivo
Te pôr em jarra no altar:

Mão de monge que por horas,
Quando para ti olhava,
Sobre as grandezas de Deus
A meditar se deixava!...

De tantos que adereçavam
Este jardim do Senhor,
Só tu aqui solitaria,
Só tu vives, pobre flor!

Deixa a vida do deserto
Acaba o tormento teu,
Não tens por que esperar...
O monge foi-se — morreu!

Tira te d'estas ruínas;
Tudo aqui respira dôr!
Não diz bem com tanto estrago
A belleza d'uma flor.

Foram-se as flores do ceu,
Tuas irmãs já lá vão:
Que fazes aqui sósinha?
Foge d'esta habitação.

Vem, comigo, e em quanto vivo
Me lembrarás com saudade,
As tristezas do presente,
As venturas d'outra idade.

F. R. S. MALHÃO.

BIBLIOGRAPHIA

Casos de Consciencia, do P. João Pedro Gury

A Empreza da *Revista Catholica*, que com tanta pontualidade e brevidade concluiu a magnifica obra *Compendio de Theologia Moral* do P. J. P. Gury, acaba agora de editar uma nova obra do mesmo auctor cujo titulo nos serve de epigraphe.

Recebemos a 1.^a caderneta que trata de casos sobre actos humanos, consciencia e leis.

Bella impressão e optimo papel, custando cada caderneta de 80 paginas a modica quantia de 120 reis.

Aos nossos assignantes e leitores recommendamos a aquisição d'esta obra, devendo dirigir os seus pedidos ao administrador o snr. Alfredo Paes Pereira dos Santos.

CHRONICA UNIVERSAL

LISBOA

Sua Em.^a o Sr. Cardeal Patriarcha, por meio de uma circular dirigida aos Vigários do Patriarchado, convidou todo o clero da sua diocese a concorrer aos Santos Exercícios Espirituaes que se hão de realisar em Santarem, no Seminario, de 4 a 10 de outubro, e no collegio de Campolide, em Lisboa, de 31 de agosto a 9 de setembro. Os reverendos parochos podem encarregar as suas parochias ao parochiano mais visinho, o qual poderá binar no domingo intermedio. Todos os ecclesiasticos que desejarem concorrer a algum dos supraditos turnos devem participal-o á Secretaria Patriarchal. A quota para as despesas é de 3\$000 reis, no Seminario de Santarem, e de 4\$000 reis, no collegio de Campolide.

INGLATERRA

Em Londres realisou-se uma procissão catholica, levando em triumpho a imagem da SS. Virgem. Incorporaram-se no prestito religioso perto de dez mil pessoas! Em vista d'este triumpho da Virgem, n'uma nação cuja religião official nega o culto d'esta mãe adoravel não pôde estar longe a hora em que ella hade abrir os olhos e tocar o coração ao povo d'alem da Mancha.

A rainha Victoria telegraphou ao Papa agradecendo-lhe a recepção imponente que elle fizera aos marinheiros inglezes. Estes ficaram impressionadissimos com o acolhimento que lhes dispensou o Romano Pontifice, e ao mesmo tempo com a magestade imponente e simples da corte pontificia. Alguns marinheiros protestantes ficaram tão profundamente abalados que tomaram desde logo a resolução de se converter ao catholicismo. Depois da visita dos catholicos, vieram mais protestantes, em numero de 5:000.

O Papa tinha mandado cunhar medalhas commemerativas d'este facto, para offerecer aos seus hospedes.

O Papa está preparando uma resposta magistral ao documento enviado por Gladstone ao Cardeal Rampolla acerca da validade das ordenações inglezas. Diz-se que as razões claras e vigorosas do sabio inglez impressionaram o animo do Santo Padre.

O vapor inglez «Drummond Castle», procedente dos portos d'Africa, naufragou nos rochedos de Ouessant.

De 300 pessoas que conduzia, apenas se salvaram 2 homens; um passageiro e um marinheiro. Muitos cadaveres foram depois encontrados nas costas visinhas.

Pereceram familias inteiras, que regresavam á patria. Em Inglaterra abriu-se immediatamente uma subscrição para as victimas, que rendeu 8,700 libras.

O governo inglez mandou agradecer a França os ex-

forços empregados pelos povos de Molene e Ouessant para socorrer as victimas.

Por uma questão entre alguns trabalhadores está imminente um grave conflicto entre a Inglaterra e republica de Venezuela.

A paz do mundo.— Os Em.^{mos} Cardeaes Vaughan, da Inglaterra, Logue da Irlanda e Gibbons dos Estados Unidos americanos, dirigiram, no domingo de Paschoa um appello nobillissimo aos homens de boa vontade do universo inteiro em favor d'um estabelecimento de um tribunal internacional de paz e arbitragem, a fim de evitar as guerras em caso de conflictos internacionaes.

E' como representantes do Principe do Par, Jesus Christo, que elles se apresentam proclamando a necessidade

d'este tribunal. Muito embora reconheçam que uma tal empreza é cheia de difficuldades, asseveram, porem, que estas não são insuperaveis.

No mesmo intuito o Em.^{mo} Cardeal Rampolla escreveu uma carta ao director do jornal *Daily Chronicle*, de Londres, elogiando-o, em nome do Papa, pelos esforços que este protestante tem envidado em favor da mesma causa.

ITALIA

Baratieri.— Este general, para quem o procurador regio tinha pedido a rigorosa sentença de 10 annos de reclusão e outras penas, pelos desastres em Africa, foi absolvido pelos tribunaes militares. Esta sentença é uma condemnação solemne infligida a Crispi, accusado por Baratieri, como o unico responsavel em todo aquelle desastre.

Maçonaria.— O senador Alexandre Rossi interpellando o presidente de ministros acerca da maçonaria, declarou, e accusou-a de que o seu ministerio predilecto é o da instrução publica. A maçonaria prefere este ministerio a todos os demais para fazer d'elle o mais forte baluarte na guerra contra Deus e contra o genero humano.

no, começando pela revolução das ideias. Nenhum maçom ousou negal-o.

ABYSSINIA

Noticias recebidas d'Abyssinia dão conta do modo hospitaleiro com que os indigenas tratam os prisioneiros italianos, que vivem em perfeita camaradagem com os soldados abyssinios. No dia da coroação do Czar, o Negus deu liberdade a 50 prisioneiros.

Está constituido o novo ministerio; Rudini triumphou, mas as influencias da triplíce exerceram-se na escolha dos novos ministros. Rudini queria diminuir as despesas do exercito mas não lhe foi possível. A triplíce quer um bom exercito italiano, e por isso este ha de estar preparado e ás ordens d'ella, muito embora a Italia para o sustentar tenha de ir dar na banca rota.

Resolveu-se então repatriar os italianos em Africa



S. Boaventura, Doutor da Igreja

as portas de par em par. Mons. Smaragdo entra e apoz tres prostrações ante o SS. Sacramento que o sacerdote conservava em suas mãos, lh'o toma na pyxide e da mesma sorte que havia entrado, sai, deixando o padre na prisão.

A procissão voltou á cathedral ao som de canticos e hymnos e só depois de ser encerrado o Santissimo no sacramento foi que o valoroso bispo despediu o clero e o povo.

O governador havia despertado ao estrondo dos sinos e canticos do povo e temendo-se d'alguma sedição popular apressou-se em pedir sua demissão que lhe foi acceite alegre e gostosamente.

A firmeza do bispo restituiu a paz á cidade.

Santo Antonio triumpho nas eleições. — Não ha necessidade que S. Antonio não socorra, não ha graças que este Santo as não alcance. Ultimamente em França nem até se esqueceram d'Elle para as eleições municipaes, nas quaes levou de vencida seus adversarios. — O caso foi o seguinte:

Havia uma villa, não longe de Paris, onde ha muitos radicaes franc-maçõs tinham assentado arraiaes, sem que forças humanas d'alli os arrancassem. Eram elles donos das vontades dos seus habitantes e nenhum temor tinham de que os apeassem do poder. Desempenhavam os cargos mais elevados e mandavam como absolutos senhores.

Os conservadores tentaram a luta contra seus poderosos antagonistas mas sentiam fallecerem lhes forças. Occorreu-lhes então um engenhoso estratagemma, que ninguém fóra de perigo jámais se accordára.

Colligaram-se com S. Antonio e em enormes cartazes affixados pelas paredes alguns dias antes do escrutinio, declararam que os eleitores ou se haviam de manifestar pro ou contra o Santo; o nome do grande thaumaturgo era a senha do partido conservador.

Chegou o dia das eleições e os radicaes fiados de suas forças não temiam medir se com o Santo; mas Elle devia vencer. — Logo á primeira votação a victoria foi duvidosa com espanto e assombro dos radicaes. Procedeu-se a nova votação e os da seita contavam então tomar valente desforra ganhando grande maioria; succedeu porém ao contrario; os conservadores venceram com a maioria d'um voto, o necessario para depol-os do poleiro. Hoje o poder, assim como a administração do hospital e escolas da villa está em mãos de pessoas religiosas, que auxiliadas do nosso Santo esbulharam os maçons da sua antiga posse.

Os inimigos do progresso. — Todos os dias ouvimos os órgãos das seitas assacar contra os frades as injurias mais affrontosas e as mais irritantes calumnias. Apodam-nos de estúpidos, ignorantes, inúteis e de infinidade de mentiras que dão asco ouvil-os.

Os genios superiores e intelligencias lucidas e desapaixonadas fazem-lhes porém justiça ao saber e ao merito. — Não vai longe ainda que o Czar da Russia enviou ao P. Lagrange, superior do convento de Santo Estevão em Jerusalem a quantia de mil rublos, como premio da sua obra: *Santo Estevão e seu santuario*, que o dito religioso lhe havia remetido.

Lemos tambem no *Correio Nacional* um outro documento da ignorancia fradesca: «O convento dos frades de S. Bento em Ottebeuzen no sul da Allemanha possui um museu como poucos no mundo. Só a secção conchiologica, á qual superintende o rev. padre Gaspar Kuhn, contem 15:000 conchas de 5:700 especies diferentes. Mais uma prova frisante da mandrice e estupidez dos frades; pois tudo isto e muitas outras cousas foram colleccionadas pelo padre Kuhn e companheiros dentro de poucos annos».

Monumento a S. Boaventura. — A 5 d'abril d'este anno, domingo de Paschoa, foi solemnemente benzida e collocada a primeira pedra d'um monumento consagrado ao seraphico doutor S. Boaventura, em Bagnorea, sua patria.

Foi uma cerimonia imponente, que impressionou até ao enthusiasmo os habitantes d'aquella cidade. As auctoridades locais, ecclesiasticas e civis, concorreram a abrilhantar-lhe o esplendor n'uma admiravel união de vontades, que, por tão rara, revestiu o caracter d'um acontecimento phenomenal.

Assistiram os bispos de Bagnorea e Rieti, o rev.^{mo} ca-

bido da sé cathedral, os representantes geraes das tres Ordens Franciscanas, o syndico da junta communal, o governador da cidade, os superiores, professores e alumnos do seminario, os membros da commissão nomeada para a erecção do monumento, a Sociedade Catholica de Bagnorea, o Circulo da Juventude Catholica de S. Boaventura, com sua bandeira, os institutos religiosos da cidade e multidão innumeravel de povo.

Depois de cantadas as ladainhas ante a imagem da Virgem do Bom Conselho, o prelado diocesano Mgr. Boffi, em vestes pontificaes entoou o hymno de S. Boaventura *Civitas grates*; logo fez conduzir, da igreja de Santo Agostinho até á praça do mesmo nome, a primeira pedra do monumento, e alli a benzeu solemnemente, «para gloria de Deus, em honra de S. Boaventura, e como testemunho da devoção dos habitantes de Bagnorea á Pessoa Augusta do Summo Pontifice Leão XIII». Em seguida foi collocada no lugar que lhe fóra designado no fundo do alicerce, a uma profundidade de 3,20.

Seguiu-se um commovente discurso de Mgr. Quintarelli, bispo de Rieti, que foi muitas vezes cortado por entusiasticos vivas a S. Boaventura.

Depois, em uma cavidade previamente aberta na primeira pedra, foi introduzido um cylindro de chumbo que guardava um documento comprovativo do facto, devidamente sellado e reconhecido, e algumas medalhas com a effigie do santo doutor.

Fechou a cerimonia o canto do hymno *Te Matrem Dei laudamus*, composto por S. Boaventura em honra da Mãe de Deus; e concluido elle, voltou-se á Igreja de Santo Agostinho, onde foi dada a benção com a reliquia do Santo.

As janellas dos edificios que dão para a grande praça eram empavezadas de festa. No palacio communal ondeava a bandeira da cidade, cõr de purpura.

Havia tencões de inaugurar o monumento no dia 14 de julho, festa de S. Boaventura.

A estatua do Santo em bronze, e trabalho do eminente escultor Cesare Aureli, Terceiro Franciscano e fervoroso christão. E' uma obra que honra a arte christã, e que tem sido elogiada por insignes cultores das bellas artes. O metal é d'excellente liga, o que dá um gracioso realce á magestosa figura do Seraphico Doutor, que é representado em habito franciscano, com a capa cardinalicia; o rosto contempla o ceu; a mão direita estende-se sobre sua patria em attitude de abençoal-a, e na esquerda tem uma inscripção com estas palavras: *In omnibus Deum videas et laudes*, que foram sempre a divisa do Santo.

Magnificos tambem os baixos-relevos que adornam a base do monumento. Um representa S. Francisco d'Assis abençoando S. Boaventura quando, ainda menino, seus paes lh'o apresentaram para o curar d'uma enfermidade, no outro são os dois illustres amigos: S. Thomaz d'Aquino e S. Boaventura na Sorbonna; o terceiro representa nos o Santo Doutor prégando no Concilio de Leão para a união das Igrejas grega e latina. Completa o monumento a inscripção dedicatoria, os brazões pontificio e franciscano, e as armas do cardeal Parochi, do fallecido bispo de Bagnorea e do chefe do municipio.

Segundo diz um diário romano, os baixos-relevos são uma verdadeira obra prima.

E' sobretudo admiravel a delicadeza com que são tratadas as figuras, e a arte com que são contornadas de geito a produzirem uma excellente perspectiva, e que, ou se considerem isoladamente, ou no conjunto, não desdizem do fino gosto romano.

Esta obra monumental, depois de haver estado muitos dias exposta á admiração do publico, em Roma, foi conduzida a Bagnorea no dia 23 do passado junho.

ERRATA

Na breve memoria que fizemos do convento de Villar de Frades, a paginas 326 saiu impresso um erro, que nós não escrevemos, e foi que este convento distava de Braga 3 kilometros, quando haviamos escripto 9, e não 3, encostando-nos n'este ponto, á relação que d'elle faz o Portugal Antigo e Moderno. Ha quem diga que 9 ainda é pouco acrescentando-lhe por isso mais 3.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Direcção — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Rev. Padre director da *Voz de S. Antonio*, Collegio de S. Boaventura — Braga.

Assignatura — 1\$200 reis por anno, no reino e ilhas adjacentes; para os demais paizes acresce o importe do correio.

Advertencia. — Pedimos a todos os amigos de S. Antonio e da sua *Voz*, que, para evitar trabalhos e confusões, tudo o que se refira á redacção da revista o dirijam ao *Padre Director da Voz de S. Antonio*, Montariol, Braga, e tudo o que diz respeito á Pia União, se dirija ao *Padre Director da Pia União* — Montariol, Braga.

Estatutos da Pia União. — Nova edição, contendo, além dos estatutos e das muitas indulgencias e graças concedidas aos associados, outras devoções em honra de S. Antonio. Custa cada copia 10 réis.

AOS LEITORES DA «VOZ»

Prevenimos os estimaveis assignantes da «Voz de S. Antonio» que ainda não satisfizeram a importancia da sua assignatura do primeiro anno, 1895, para que tenham a bondade de a satisfazer até ao fim de abril proximo. Aliás ver-nos-emos obrigados a mandal-a cobrar, o que não desejavamos. Muito temos condescendido, porque a paga devia ser adeantada, e não o temos exigido. O atrazo, porém, de alguns dos assignantes, de cuja honradez não desconfiamos, vae-nos causando embaraços na administração regular da «Revista».

Confiamos que não será preciso mais nada. E aproveitamos a occasião para agradecer á maioria dos assignantes que com toda a regularidade e promptidão teem satisfeito o encargo da sua assignatura.

N. B. — Os novos assignantes que desejarem a collecção completa da *Voz de S. Antonio*, podem adquirir o 1.º anno com abatimento de 25 %;

O THESOUREIRO,

Domingos de Souza Gomes,
Pharmacia dos Orphãos — BRAGA.

BIBLIOTHECA CATHOLICA DE ANTONIO DOURADO

OBRAS PUBLICADAS

Biblia Popular Illustrada. — Velho e Novo Testamento, brochado..... 3\$000
Anno Christão. — 5 volumes, brochados 10\$000
Exercicios de Perfeição e Virtudes Christãs, pelo rev. Affonso Rodrigues, 3 volumes.. 3\$000
Esplendores da Fé. — 1.º volume..... 1\$300
» » » — 2.º » 2\$800
» » » — 3.º » 2\$500
» » » — 4.º » 2\$200
Assassinatos Maçonicos, por Leo Taxil, 1 volume..... 1\$000
Admiradores da Lua, por Leo Taxil, 1 vol. 1\$000

Morte aos Jesuitas. Opusculo..... 200
Mysterios da Franc-Maçonaria. 2 volumes brochados, 4\$000. Encad. em percaline... 5\$300
Methodo para formar a infancia na piedade, um folheto 50
Testemunho da Fé, por D. Maria de Castro Menezes..... 300
Tratado da verdadeira devoção á Santa Virgem 200
A sciencia do crucifixo, em forma de meditações dividida em duas partes pelo Padre Pedro Maria da Companhia de Jesus.... 200
O Jovem apologista da religião. Resposta ás objecções mais espalhadas..... 200

Pedidos a ANTONIO DOURADO, editor catholico, rua dos Martyres da Liberdade, 165 — PORTO.

Editor responsavel: Dr. Antonio Brandão Pereira — Braga.